

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Livia Sernache Rios

**O convívio da diferença:
práticas biopolíticas no jogo de dentro e no jogo de fora**

Mestrado em Comunicação e Semiótica

São Paulo

2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUCSP
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LITERATURA E ARTES - FAFICLA
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

Livia Sernache Rios

O convívio da diferença:

práticas biopolíticas no jogo de dentro e no jogo de fora

Mestrado em Comunicação e Semiótica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Comunicação e Semiótica, sob a orientação da Professora Dra. Helena Katz.

São Paulo

2018

Rios, Livia Sernache

O convívio da diferença: práticas biopolíticas no
jogo de dentro e no jogo de fora / Livia Sernache
Rios. -- São Paulo: [s.n.], 2018.
82p ; cm.

Orientador: Helena Tânia Katz.
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) --
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e
Semiótica, 2018.

1. Capoeira. 2. Cooperação. 3. corpomídia. 4.
biopolítica. I. Katz, Helena Tânia. II. Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, Programa de
Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica. III.
Título.

CDD

BANCA EXAMINADORA

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES)- Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES)- Finance Code 001.

E continuo a agradecer... Viva!

À PUC-SP e ao Teatro TUCA pela oportunidade de ter sido funcionária da Instituição, o que me garantiu a conclusão da graduação e a possibilidade de iniciar o mestrado. Agradeço aos meus queridos amigos e amigas do TUCA pelo convívio afetoso e laços sinceros de amizade que fizemos. Vocês são muito importantes na minha vida!

Aos meus professores de graduação do curso Comunicação das Artes do Corpo da PUC-SP pelo ambiente de pensamento crítico proporcionado e profundas reflexões sobre o corpo, em especial às professoras Ana Teixeira e Rosa Hércules, as quais foram fundamentais para a presente pesquisa, que em 2014 apontava um início discreto.

À banca de qualificação pelo retorno delicado e instigante. Igor Monteiro, Christine Greiner e Helena Katz, a qualificação foi um dos momentos mais preciosos desta empreitada.

À minha orientadora Helena Katz, por tamanha sensibilidade e seriedade em tudo que faz. Por me ajudar engajadamente, por reconhecer meus desejos. Por ser assim... Nosso pequeno passarinho, que leva e traz sementes do conhecer, incansavelmente. Por ser força motriz de importantes mudanças na minha vida.

Ao tio Fred por ler meus rascunhos e dividir comigo seu método “em partes”. À minha família querida, de professoras e professores, por me ensinar o valor do afeto e da educação. À minha mãezinha, fazedora inquieta. Ao meu pai, leve aventureiro admirável. Ao meu irmão Leandro e à minha tia Vera, por cuidarem da minha mãe, sem vocês eu não me permitiria morar distante. Aos irmãos “pequenos” e irmã Lolô, por sermos esta rede calorosa: é bom demais ter irmãos! Às minhas primas, juntas seguimos estudando... À nossa avó Celestina, por cuidar da família Sernache. À Clarice por sempre me abrigar em seu coração e nos presentear com a Ana Clara (“Que mistério tem Clarice... Pra guardar-se assim tão firme, no coração”). Aos meus sogros, que sempre foram tios e hoje também são pais. A todas e todos que compõem esta linda família estendida que somos nós, os selvas!

Ao meu companheiro, pela nossa caminhada... Beleza maior da vida, ser iluminado! Pela vida compartilhada! Por tudo que somos juntos!

Aos meus amigos e amigas, pela presença amorosa nas diversas etapas desta pesquisa. Não há como agradecer cada um e cada uma, a rede é grande... Vocês sabem da minha gratidão. Mas não poderia deixar de fazer um agradecimento especial ao meu amigo Ierê, por nossas conversas infindas na mesa da cozinha de casa, nosso “cantinho acadêmico”. Também à Naty, Sil e Raquelita, irmandade de longa data.

Aos mestres, mestras e praticantes que, de alguma forma, com pouquíssimo ou muito contato, fazem parte desta rede de reflexões (alguns citados ao longo do trabalho pelos rumos da natureza do texto escrito e pelo assunto abordado, outros não citados, mas um tanto importantes): Mestre Plínio (Centro de Capoeira Angola Angoleiro Sim Sinhô-SP), Mestre Ananias (em memória; Associação de Capoeira Angola Senhor do Bonfim-SP), Mestre Laécio (Grupo Sucesso do Abaeté-SP), Carimbó (Boca da Mata-SP), Saturnino (Grupo de Capoeira Angola Galo Cantô-MG), Womualy e Tabatta (Fundação Internacional de Capoeira Angola-SP), Raquel Gonçalves (Grupo Nzinga de Capoeira Angola), Mestre Gildázio (Ukilombo-CE), Mestre Santana (Grupo de Capoeira Axé-SP), Geraldo Cotia (Grupo de Capoeira Angola Rainha-SP), Mamute (Capoeira Grupo Cordão de Ouro-SP), Mestre Bezerra e alunos (Sucesso do Abaeté-SP), Mestre Armando (CE), Mestre Ferradura (Instituto Brasileiro de Capoeira-Educação/RJ), Mestre Flávio Saudade (Projeto Gingando pela Paz-RJ/Congo e Haiti), (Mestra Janja (Grupo Nzinga de Capoeira Angola), Mestre Big Dinho (Grupo de Capoeira Guerreiros da Escrava Anastácia-SP), Contramestra Ananda (Grupo de Capoeira Angola Volta ao Mundo-ES), Minhoca (Casa Mestre Ananias-SP), Mestra Cristina (Grupo de Capoeira Angola Mocambo de Aruanda-RJ), Mestre Nenê (Flor da Aroeira - Tambor de Crioula, Samba & Capuera-SP), Mestre Naldinho (Capoeira Angola Comunidade-PB) e Mestra Gegê (Fundação Internacional de Capoeira Angola-BA). Seguindo nestas trilhas, um agradecimento especial ao Mestre Cobrinha (BA) por tudo que fez e faz pela capoeira, e pela capacidade admirável de realizar sonhos.

Ao CECAB (Centro Cultural Capoeira Água de Beber) pela importância em minha história e presente acolhimento. Também por me emprestar “o doutor”.

Aos meus companheiros e companheiras do Centro Cultural de Capoeira Angola Omoayê, pela convivialidade cheia de axé! Aos “das antigas”, sempre chegando junto para fortalecer nos momentos mais necessários: Reginaldo Malaquias, Max e Ricardinho.

Agradeço principalmente aos meus mestres (porque este título quem dá somos nós, ciente de que ser mestre é continuar aprendendo e envolve uma rede complexa de discussões): Mestre Ratto (CECAB-CE), Mestre Fala Mansa (Boca da Mata-SP) e Mestre Buí (Omoayê-SP). Por fim, querido Bui, também agradeço pela amizade, confiança, parceria e ensinamento diário, com simplicidade e alegria!

E dedico... a todos nós, os “filhos da terra”!

O que sobre as plantas o emociona?

Alguns comportamentos são muito emocionantes. Todas as plantas dormem, acordam, buscam a luz com suas folhas; tem uma atividade similar a dos animais. Filmei o crescimento de alguns girassóis, e se vê de maneira muito clara como brincam entre eles.

Brincam?

Sim, estabelecem o comportamento típico da brincadeira que se vê em tantos animais. Pegamos uma dessas pequenas plantas e a fizemos crescer sozinha. Quando adulta, ela tinha problemas de comportamento: custava-lhe girar em busca do sol, faltava a ela a aprendizagem obtida através do jogo. Ver estas coisas é emocionante.

(Entrevista com Stefano Mancuso, cientista e diretor do Laboratório Internacional de Neurobiologia Vegetal da Universidade de Florença, Itália, publicada pelo jornal La Vanguardia, em 29-12-2010).

Resumo

Esta pesquisa investiga a capoeira buscando explorá-la como uma forma de comunicação com o Outro. Situamos a capoeira como uma prática que exercita a habilidade em cooperar, entendendo-a como uma ação cognitiva que nos convida a reconfigurar nossas leituras de mundo. É com essa compreensão da capoeira que a pesquisa lida com o contexto no qual vivemos, buscando entender a presença dos novos hábitos cognitivos que hoje nos conduzem. Com ela, identificamos as relações de poder desenhadas pela razão neoliberal, que hoje imperam sobre nossos modos de existir, dando foco às novas formas de comunicação, nas quais as práticas de vida *on* e *off line* (KATZ, 2015) estão cada vez mais borradas. Partindo do pressuposto de que a comunicação só pode ocorrer com o Outro, é possível formular a hipótese, apoiada em Sennett (2008, 2012), para quem fazer é pensar, de que a capoeira pode contribuir para o florescimento de uma vida mais cooperativa, uma vez que ela opera no sentido de algo que só pode ser construído junto com esse Outro, em uma relação não de mão dupla, mas de uma dupla de mãos e de olhos, que se permitem aprender com a diferença. O jogo de dentro (da capoeira) e o jogo de fora (da vida) convivem no mesmo mar gestado pelo atual estágio do capitalismo, e o objetivo, aqui, é o de pleitear que existem especificidades, nas regras da capoeira, que podem nos ajudar a nadar nestas águas. A capoeira insiste em praticar o convívio, e a Teoria Corpomídia (KATZ e GREINER) nos explica que o relacionamento com o Outro e com o ambiente sempre afeta a todos os envolvidos. A fundamentação teórica recorre também, dentre outros, a Sennett (2008, 2012) e a Tomasello (2004), para consolidar a proposta da colaboração ser um traço evolutivo; e a Dardot e Laval (2016, 2017), para situar os avanços do neoliberalismo. Dardot e Laval (2017) também nos ajudam a pensar no comum. Trata-se de uma pesquisa que reúne revisão bibliográfica e escutas no convívio com mestres e praticantes da capoeira, nascida da urgência em colaborar para a construção de uma vida pautada na cooperação.

Palavras-chave: capoeira, corpomídia, biopolítica, cooperação, jogo de dentro/jogo de fora.

Abstract

This research investigates the "capoeira" and explores it as a form of communication with the Other. We place "capoeira" as a practice that exercises the ability to cooperate, understanding it as a cognitive action that invites us to reconfigure our interpretations about the world. The understanding of "capoeira" proposed by this research deals with the context in which we live, trying to understand the presence of the new cognitive habits that lead us today. With it, we identify the power relations engendered by a neoliberal reason, which defines our current modes of existence, focusing on new forms of communication in which life practices (on/offline) (KATZ, 2015) are increasingly dissociated. Based on the assumption that communication can only occur with the Other, it is possible to formulate the hypothesis, supported by Sennett (2008, 2012) - which says that "to do" is "to think" - about capoeira as a way to contribute to the flourishing of a more cooperative life, since it operates in the sense of something that can only be constructed together with that Other - not in a two-way relationship, but in a pair of hands and eyes, which allow us to learn with the difference. The game inside (the "capoeira") and the outside game (of life) coexist in the same sea created by the current stage of capitalism; and the objective here is to demonstrate that there are specificities, in the rules of "capoeira", that can help us to swim in these waters. The "capoeira" insists on practicing the conviviality, and the Bodymedia Theory (KATZ and GREINER) explains us that the relationship with the Other and with the environment always affects everyone involved. The theoretical basis also includes, among others, Sennett (2008, 2012) and Tomasello (2004), to consolidate the proposal of collaboration as an evolutionary trait; and Dardot and Laval (2016, 2017), to situate the advances of neoliberalism. Dardot and Laval (2017) also help us to think about the ordinary. This research adds bibliographic review and listening in the conviviality with masters and practitioners of "capoeira", and arises from the urgency of collaborating to build a life based on cooperation.

Keywords: capoeira, bodymedia, biopolitics, cooperation, game inside/outside game.

Sumário

Abrindo os caminhosp. 13

Capítulo 1 - Capoeira e o desenvolvimento da habilidade em cooperar p. 23

1. Redes da capoeira
2. Vadiar, uma ação cognitiva “com”...
3. Cooperação capacitada e a “artesanía” da capoeira
4. Conversas de “fazeção”
5. Por um Outro menos humano

Capítulo 2 – O desafio do viver juntos nos tempos de hoje.....p. 61

1. Comum
2. A auto-autorização como um modo de viver
3. Enfraquecendo o traço evolutivo da cooperação

Proposições para futuras continuidades.....p. 76

Referências bibliográficas.....p. 79

Abrindo os caminhos...

Esta pesquisa parte da percepção de que caminhamos por trilhas de apartamento dos corpos, dificuldade de diálogo, crescente polarização, extremismo e fundamentalismo, descaso e indiferença. Ao mesmo tempo em que o capitalismo atual divulga ideias como conexão, rede e mobilidade, indivíduos vivem um intenso processo de desligamento mútuo. Cidades desenvolvem-se seguindo a lógica da especulação imobiliária e do sucateamento e esvaziamento dos espaços públicos (compactuadas com o discurso hegemônico da insegurança), e nem de longe são planejadas para a construção de laços afetivos. Constantes desastres ambientais revelam que a vida em relação integrada é devorada pelos avanços neoliberais¹ e as indústrias do agronegócio produzem infertilidade de vida. O consumismo e a produção desenfreada do descarte ultrapassam “bens materiais”, pois descartável tornou-se a relação entre viventes e os recursos naturais, desde as etapas mais iniciais do capitalismo. A competitividade adentra nas profundezas das pequeninas ações do nosso cotidiano. E, treinados com a velocidade da informação do suposto mundo conectado e com o excesso de coisas a consumir, o Outro tem tido pouco espaço e tempo em nossas vidas.

A lógica *Me, My Self and I* (Mim, Eu mesmo e Eu), ou seja, um jeito de viver pautado no exacerbamento dos desejos individuais, a partir dos hábitos cognitivos praticados no convívio com as telas, intensifica-se a cada dia (não podemos esquecer o tempo que cada um de nós permanece em contato com elas, diariamente). “Perder” tempo com trocas sutis, e aparentemente sem “utilidade” imediata, parece não caber mais neste mundo. As práticas neoliberais², das mais variadas formas, tendem a nos reduzir a indivíduos consumidores voltados para si mesmos, indiferentes ao destino comum.

¹ Segundo Achille Mbembe (2018), “por neoliberalismo, entenda-se uma fase da história da humanidade dominada pelas indústrias do silício e pelas tecnologias digitais”(p.15).

² “O neoliberalismo não é apenas uma ideologia, um tipo de política econômica. É um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida” (Dardot e Laval, 2016, p.7).

Porém, embora as informações que mais cheguem a nós sejam de destruição, caos e intolerância, e a enxurrada de informações que recebemos diariamente nos ocupa e nos treina a não refletir e a não problematizar esse “eu” que vai se agigantando e ficando cada vez mais hipertrofiado, reconhecemos a existência de práticas cooperativas que se tecem nas brechas de um sistema extremamente competitivo. Afinal, a força da vida faz plantas brotarem no concreto, nos cantos dos muros, nas calçadas das ruas. Todo aquele concreto e um ambiente inteiramente desfavorável não impedem a força de vida de buscar “um lugar ao sol” e construir outras perspectivas. Essa ação, por exemplo, aparentemente modesta, interfere na vida da cidade.

Propomos, portanto, dar luz à capoeira como campo circular (como não poderia deixar de ser) de discussões, por entender que dela brotam reflexões sobre nossas ações com o Outro, por entendê-la como um encontro de corpos para o exercício da cooperação. A hipótese da qual se parte aqui é a de que a capoeira, que depende da habilidade em cooperar, pode irrigar as reflexões críticas que vêm sendo tecidas a respeito do momento em que vivemos, dando ênfase a uma leitura biopolítica³, que ajude a pensar a vida cooperativa. Quais pistas o jogo de dentro (da capoeira) pode nos oferecer para alimentarmos as reflexões sobre o jogo de fora (da vida)?

A capoeira resiste, apesar de todas as adversidades que enfrenta e enfrentou, e se coloca como um modo de agir neste mundo. É uma ação cognitiva, uma maneira de constituir o pensamento, partindo do pressuposto de que fazer é pensar (Sennett, 2008, 2012)⁴. À medida que reconfiguramos o

³ “Foucault, especialmente a partir de seu livro **Vontade de saber** (1993), relacionará, cada vez mais intensamente, poder/saúde/corpo/vida. Em 1974, inaugurou o conceito de biopolítica, em uma palestra dada no Rio de Janeiro, com o título “O nascimento da medicina social”. Vai demonstrar que a racionalização da vida se transformou em dispositivo de dominação. Não será difícil perceber que, para operar o tipo de “administração dos corpos” que está em curso, a vida precisou ser reduzida à sua condição biológica” (Katz, 2010, p.25). Nestes termos, biopolítica refere-se ao poder sobre a vida. Seguiremos com leituras biopolíticas contemporâneas, como Dardot e Laval (2016, 2017), dentre outras.

⁴ Richard Sennett, norte-americano, é sociólogo e historiador, professor da London School of Economics, do MIT - Massachusetts Institute of Technology e da New York University. Estudou musicologia e violoncelo, experiências que traz para a conversa, dentre outras, que faz no livro **O Artífice** (2008). Em suas obras, reconhece a influência de Hannah Arendt e de Michel Foucault. Em **Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação** (2012), o autor explora a cooperação como uma habilidade, estando ela embutida em nossos genes. Através destas duas obras, que para nós se complementam, podemos compreender que ação e cognição não estão apartadas.

movimento com o Outro, não só nos adaptamos às experiências que o jogo proporciona, mas vamos reconfigurando nossas leituras de mundo – daí nossa hipótese de que a capoeira pratica o desenvolvimento da habilidade em cooperar. E, com as subjetividades⁵ que nos diferenciam postas em jogo é que acreditamos na busca do comum. Assim, compreendemos a capoeira como um fenômeno importante no mundo neoliberal, pois nos disponibiliza a praticar outra coisa - a habilidade em cooperar – e não só as regras postas no jogo de fora.

Cabe dizer que se trata de uma prática muito presente em minha vida, que acredito poder inspirar o leitor a refletir sobre as suas práticas, na sua história de vida, como uma condição para se aproximar da experiência do Outro. A intenção é a de ajudar a construir um olhar capaz de reconhecer os ambientes que não habitamos. Olhando com atenção para os que frequentamos, podemos compreender como funcionam e, assim, descobrir as singularidades que os distinguem dos demais ambientes sociais, e buscarmos um modo de lidar com eles.

Comecei a praticar capoeira por volta de 1996, em um centro comunitário⁶ próximo da minha casa, em Fortaleza-CE. Permaneci por uns dois anos, até presenciar o professor jogando de forma agressiva com uma criança, enquanto ela chorava, e eu também. “Não bata na criança que a criança cresce... Quem bate não se lembra, quem apanha não esquece”⁷. Podemos dizer que este verso fala sobre o retorno daquilo que colocamos no mundo. Enfatizamos, aqui, o não esquecimento, e, fazendo parte do não esquecer e da urgente necessidade em tirar atitudes como essa da “normalidade”, pois negamos pedagogias que consideram “que é apanhando que se aprende”, propomo-nos a colocar no mundo outras leituras sobre a capoeira, sobretudo a de que ela pode ser um exercício do desenvolvimento da habilidade em cooperar.

⁵ “A fonte da subjetividade está sempre ligada à imagem de um organismo durante o ato de perceber e de responder a uma entidade externa” (KATZ e GREINER, 2011, p.81).

⁶ Na época chamado C.S.U. (Centro Social Urbano) Presidente Médici, na Av. Borges de Melo.

⁷ Música de capoeira possivelmente de Mestre Boca Rica.

Poderia não mais ter desejado praticá-la, como tantos depoimentos que ouvi de pessoas que deixaram a capoeira por presenciar atitudes violentas. Mas minha mãe percebeu meu encantamento, e foi sábia por não generalizar e ir comigo em busca de outro espaço. Não foi difícil encontrar um ambiente de acolhimento, no qual permaneci por longos anos e aprendi muito sobre o que pode a capoeira. Mestre Ratto⁸ e todos os amigos que fiz foram parceiros durante minha adolescência e entrada na vida adulta. Durante os anos em que lá permaneci, acompanhei uma busca, que ele afirma não cessar, por uma capoeira cada vez mais compromissada, responsável pelo seu entorno e disposta às reflexões que os encontros proporcionam. Em suas inúmeras viagens pelo Brasil e exterior, voltava sempre se refazendo, problematizando ideias consolidadas, colocando em prática uma capoeira que acreditava ser mais potente por estar voltada para o nosso desenvolvimento pessoal-coletivo.

Somente depois de mais de 10 anos distante e residindo em São Paulo, movida pela pesquisa, tive a oportunidade de rever meus amigos com seus filhos no CECAB (Centro Cultural Capoeira Água de Beber), onde todos se responsabilizam por uma educação compartilhada (como é de costume na comunidade da capoeira).

Mas antes, junto ao grupo, criamos um trabalho artístico chamado **Quilombo**, em 2005, composto por orquestra de berimbaus, maculelê, danças afrobrasileiras, puxada de rede, e outras manifestações populares. Já vinha estudando teatro nesta época⁹, e este trabalho fortaleceu o meu interesse pelas artes cênicas. Desde então, fui em busca de variadas formações em teatro e dança.

⁸ Robério Batista de Queiroz (1972), conhecido como Mestre Ratto (Fortaleza-CE), quando o conheci integrava o Grupo Capoeira Brasil (CE), tendo sido formado por Mestre Paulão. Em 2002, fundou “oficialmente o projeto social Água de Beber, com o objetivo de trabalhar a Capoeira nas comunidades carentes de Fortaleza”. Eu pude acompanhar os primeiros passos deste projeto. O trabalho foi ganhando proporções maiores e em 2006 o projeto passa a ser uma instituição social autônoma com o nome CECAB (Centro Cultural Capoeira Água de Beber). Para conhecer mais: <http://capoeira-cecab.eu/cecab-2/mestre-ratto/?lang=pt-br>. Em junho de 2017, a Câmara Municipal de Fortaleza fez uma homenagem à atuação do CECAB, proposta pela vereadora Larissa Gaspar (PPL). Informações no site: <http://www.cmfor.ce.gov.br/legislativo-celebra-15-anos-de-atuacao-do-centro-cultural-agua-de-beber/>.

⁹ Estudei, de 2004 ao início de 2007, Artes Cênicas no CEFET-CE (Centro Federal Tecnológico do Ceará), hoje denominado IFCE (Instituto Federal do Ceará).

Em 2007, mudei-me para São Paulo, para dar continuidade ao meu desenvolvimento no campo das artes do corpo¹⁰. No ano seguinte, o berimbau me chamou novamente. Residia ao lado da Escola Alecrim¹¹, onde Fala Mansa¹² ensina capoeira voltada para a educação infantil. Um exímio tocador de berimbau... De tanto ouvir, decidi conhecê-lo. Bem recebida, contei de onde vinha e a minha linhagem na capoeira. Ele, praticante de Capoeira Angola¹³, e eu, até então, de uma linhagem mais próxima à Capoeira Regional¹⁴. Logo me disse que é tudo capoeira.

Foi com esse entendimento de capoeira que seguimos... A palavra é uma só, mas as capoeiras são muitas, são tantas quanto os corpos que a praticam. Não que não haja diferenças... Históricas, sociais, pedagógicas e etc... Mas, é possível acreditar em incluir mutuamente as diferenças para ampliar nossas conversas para além das mesmas “bolhas”. Portanto, ao longo da dissertação, exceto quando se fizer necessário, por se tratar de alguma

¹⁰ Desde 2007, residindo em São Paulo, me aventuro em diversos contextos de pesquisa em artes: trabalhos com máscaras (palhaçaria, comédia dell’arte, máscara neutra, etc), mímica, teatro e dança em espaços públicos, interfaces entre artes visuais e artes do corpo, dentre outros. Em 2011, me transferi do curso de Artes Cênicas do IFCE para o de Comunicação das Artes do Corpo, na PUC/SP.

¹¹ Rua Amália de Noronha, 403, Pinheiros.

¹² Acácio Isaías Lopes de Queiroz (1970), conhecido na capoeira como Fala Mansa, nasceu em Varselândia (MG). Lá foi seu primeiro contato com a capoeira, através do Mestre Austero. Mudou-se para São Paulo em 1985, com 15 anos. Treinou um tempo curto com Mestre Suassuna (Grupo de Capoeira Cordão de Ouro), vários anos com Mestre Plínio (Centro de Capoeira Angola Angoleiro Sim Sinhô) e com Mestre Ananias (Associação de Capoeira Angola Senhor do Bonfim).

¹³ A Capoeira Angola tem como maior referência Vicente Ferreira Pastinha (1889-1981), conhecido como Mestre Pastinha, nascido em Salvador. Desenvolveu um sistema de ensino, deixando desenhos e manuscritos, bem como o livro **Capoeira Angola** (1964), sobre o seu modo de vivenciar e difundir a capoeira, conhecida como Capoeira Angola, nomenclatura esta que já era utilizada para se referir aos capoeiras da época (“os angolas”). Em 1941, funda a segunda academia de capoeira legalizada pelo governo baiano, o Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA). Este estilo, por descaso com os antigos mestres e falta de apoio público, quase caiu no esquecimento, ressurgindo com força a partir da década de 90, com o apoio de mestres da atualidade, como Mestre Moraes e Mestre Cobrinha.

¹⁴ A Capoeira Regional, nomeada inicialmente de Luta Regional Baiana, foi sistematizada por Manoel dos Reis Machado, conhecido como Mestre Bimba (1900-1974), o qual cria a primeira academia de capoeira em 1932, em Salvador (BA). Conhecedor de uma manifestação chamada batuque, através de seus pais, que eram praticantes, e envolvido com a capoeira praticada nas ruas, como era característico daquele tempo, desenvolve um método de ensino que ficou amplamente conhecido como Capoeira Regional, mesclando estes saberes com golpes advindos de lutas marciais. Este estilo de capoeira ganhou grande projeção e se difundiu largamente pelo mundo.

característica específica, chamaremos esta prática de ‘capoeira’, reforçada pelo conselho dos mestres:

Capoeira é uma palavra só, capoeira. A gente vive em torno da capoeira. Tocou São Bento Grande? É São Bento Grande (que se joga). Tocou São Bento Pequeno? É Santo Bento Pequeno (que se joga). Você faz o que o berimbau manda. É capoeira a palavra!¹⁵.

A partir do encontro com Fala Mansa, entre idas e vindas, a capoeira me acolheu na “selva de pedra”. Treinava onde Fala Mansa estivesse. Na Escola, no Parque Água Branca, na Casa Mestre Ananias¹⁶, sem nome de grupo, sem camisa, sem formalidades. Por volta de 2014, começou a dar aula em parceria com o professor Buí¹⁷. Ali, conheci o ambiente de convívio no qual me encontro. Após alguns anos compartilhando o mesmo espaço de treino, Fala Mansa seguiu seu caminho com o grupo Boca da Mata, criado por ele. Nós, junto ao Buí, seguimos com o Centro Cultural de Capoeira Angola Omoayê¹⁸.

¹⁵ Fala de Mestre Santana. Parêntese nosso para uma maior compreensão, por tratar-se de depoimento oral. Conversa com Mestre Santana, na sede do Grupo de Capoeira Angola Rainha (Casa Jaya-SP), mediada pelo Mestre Cobra Mansa e Geraldo Cotia. Mestre Santana (1953), natural de Salvador-BA, conhecido por Macaco Preto, participou da efervescência da capoeira no Mercado Modelo (Salvador) entre 1969-1970. Em 1977, fundou o Grupo de Capoeira Axé, em São Paulo, onde reside. Conta-nos sobre sua formação na capoeira: “Eu treinei segunda, quarta e sexta no Belvedere da Sé (Salvador) com Canjiquinha. Terça, quinta e sábado com o Caiçara. E quando chegava domingo, eu ia lá pro Valdemar da Liberdade ajudar a fazer os berimbaus”.

¹⁶ A Casa Mestre Ananias (CMA), com atividades regulares, “é um espaço de vivência, transmissão oral e difusão do Patrimônio Cultural Nacional e da Humanidade. Tem base nas tradições populares afro-brasileiras, com foco nas expressões da cultura baiana desenvolvidas na capital paulistana, por meio da capoeira tradicional e do samba de roda”, localizada no Bairro do Bixiga. Mestre Ananias Ferreira nasceu em 1924, em São Félix (BA). “Ainda muito jovem, trabalhou na lavoura de cana e nas indústrias de fumo, quando decidiu ir a Salvador em busca de melhores condições de vida. Conviveu com grandes nomes como Mestre Pastinha, Nagé, Onça Preta, Noronha, Dorival (irmão de Mestre Valdemar), Traíra, Cobrinha Verde, Canjiquinha – de quem recebeu seu diploma - e tantos outros”. Conhecido como o fundador da Roda da Praça da República, centro de São Paulo, em 1953, a qual continua em plena atividade. Para saber mais: <http://mestreananias.blogspot.com/>.

¹⁷ Alcides Santos de Jesus (1977), conhecido como Buí, nasceu em Santa Luz, próximo à Feira de Santana (BA), mas foi em São Paulo que conheceu a capoeira. Foi aluno do Mestre Plínio (Centro de Capoeira Angola Angoleiro Sim Sinhô) e foi professor de Capoeira Angola da Somaterapia (uma terapia anarquista, fundada por Roberto Freire, no início da década de 1970). Hoje, é professor e responsável pelo Centro Cultural de Capoeira Angola Omoayê-SP. Fundado em 1999, o grupo inicialmente teve sua sede na Av. Consolação, deslocando-se, por volta de 2001, para a Rua Cardoso de Almeida, onde permanece atualmente.

¹⁸ Palavra proveniente do grupo étnico-linguístico da África Ocidental chamado de Iorubá, podendo ser traduzida como “filhos da terra”.

Um grupo bem pequeno, mas com uma longa história de resistência, altos e baixos, como é comum a tantos grupos de Capoeira Angola. Hoje, seguimos com raízes sólidas e florescendo a cada dia, em torno de uma figura de muito carisma, habilidosa capoeira, leveza no ensino e estimulante exercício de autonomia e liberdade. Florescimento este com a contribuição de amigos da capoeira de outros grupos e de variadas linhagens (não só angoleiros), em constantes visitas em nossas rodas, trazendo um apoio significativo.

No processo da pesquisa, estive em diversos encontros de capoeira, sozinha, na maioria das vezes, conhecendo grupos e seus modos de pensar, atenta aos ambientes e alimentando reflexões. Foi possível identificar que, no convívio do próprio grupo, o Outro já me é um pouco conhecido, pois compartilhamos um mesmo contexto (classe social relativamente próxima, mesma linhagem, mesma blusa, mesmo professor e etc), e, com isso, fortalecer a necessidade em percorrer também outras rodas e maneiras de ensinar. Porém, reconheço o convívio interno no Omoayê como primordial, pois é lá que sou convidada a refletir diariamente e a construir uma convivialidade também entre diferentes – e é esta diferença que nos interessa, por ser inerente a qualquer corpo. Assim, além do cruzamento de bibliografias, a pesquisa tem como metodologia escutas do convívio.

Entendo-me como um corpo que faz pensando e pensa fazendo, por ser esta a natureza do corpo... e, com-por isso escreve. Para nós, a chamada “vadiação”, na capoeira, é a afirmação do “gastar tempo” com o Outro para brincar “descompromissadamente”, mas não é menos séria por ser assim chamada. Assim, fui ao encontro dos tantos corpos que me aparecerem por esse caminho vadiado, guiada pelos afetos e acolhimentos proporcionados. E é na vadiação descompromissada que cruzamos nossos compromissos. Uma ação política, essa “ação de vadiar”, como diz o verso do Mestre Moa do Katendê¹⁹.

¹⁹ Romualdo Rosário da Costa (1954-2018), nascido em Salvador, conhecido como Mestre Moa do Katendê, foi uma importante liderança da cultura popular afro baiana. Educador, compositor, artesão, mestre de capoeira – discípulo do Mestre Bobó de Pastinha. Foi brutalmente assassinado com 12 facadas nas costas, pela intolerância e proliferação de discursos de ódio que vem nos assolando no Brasil, situação que foi se intensificando a cada dia no período eleitoral, e que se insere também no cenário mundial de avanços do fascismo. “Mestre Moa presente, hoje e sempre!”, como dizem nossos gritos, indignados com tamanha

O que nossas práticas têm feito de nós? Entendemos que o que praticamos nos faz - no sentido pleno, em todas as esferas da vida -, ao mesmo tempo em que construímos constantemente nossas práticas. E nossos modos de agir produzem algo no mundo.

Que corpo é este que pratica capoeira em nossos tempos? É preciso perceber que é um corpo também construído pelo contexto neoliberal, com tudo que está implicado nesta realidade, que não se limita a um modelo econômico, mas se cofigura em mudanças cognitivas, alterando nosso jeito de olhar o mundo. Mudanças estas, também intrinsecamente relacionadas com novas tecnologias de comunicação e suas práticas digitais diárias, utilizando, de forma generalizada, diferentes redes sociais e dispositivos. Por isso, entendemos que, para pensarmos a cooperação em sua complexidade, atada ao momento em que vivemos, é necessário nos lançarmos no desafio de uma reflexão biopolítica, pois é sobre a vida que o sistema econômico atual age, descarada ou sorrateiramente. Propomos-nos a olhar para esta questão através de bibliografias que nos auxiliam a entender os avanços do neoliberalismo (Dardot e Laval, 2016, 2017)²⁰, bem como a imbricação entre o viver *on line* e *off line* (Katz, 2015)²¹.

Com Sennett (2008, 2012) e Tomasello (2004)²², caminhamos com o entendimento da colaboração ser um traço evolutivo. E, através da Teoria

crueldade. Para maiores informações sobre este fato: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/08/referencia-da-capoeira-e-da-cultura-afro-e-assassinado-apos-discussao-politica-na-ba/>. Para conhecer mais sobre o Mestre: <http://www.congodeouro.com.br/conheca-o-mestre-moa-do-katende/>. Para ouvi-lo cantar os versos citados: <https://www.youtube.com/watch?v=7Ls00Rnprn0>.

²⁰ Christian Laval e Pierre Dardot são filósofos e parceiros na publicação de **A Nova Razão do Mundo** (2016). Neste livro, apresentam o neoliberalismo como uma nova razão que engendra nossa existência, uma maneira de pensar baseada na lógica do mercado, e não apenas como um modelo econômico. No livro que deu continuidade a esta parceria, **Comum** (2017), os autores promovem uma reflexão sobre a estratégia política do neoliberalismo e o que seria sua proposição inversa: o Comum.

²¹ Helena Katz, formada em Filosofia, é professora na PUC-SP. Suas disciplinas, no Programa em Comunicação e Semiótica, têm sido voltadas para a reflexão sobre os modos como as novas tecnologias e o contexto das redes sociais vêm alterando a nossa maneira de ler o mundo e estar com os outros, a partir de bibliografias recentes sobre o assunto.

²² Michael Tomasello, psicólogo estadunidense, desempenha a função de co-diretor do Instituto Max Planck de Antropologia Evolutiva, na cidade de Leipzig, Alemanha. **¿Por qué cooperamos?** (2009) é uma versão adaptada das Conferências Tanner, que o autor ministrou

Corpomídia (Katz e Greiner)²³, podemos compreender que o corpo não é constituído a priori, mas vai se fazendo com as informações que encontra, assim como também o ambiente vai se transformando, em co-implicação. Nesta perspectiva, a diferença é, portanto, algo constantemente provisório. O corpo está sempre se atualizando com o seu fazer. Faz-se necessário, então, entender um pouco mais sobre o corpo em termos evolutivos, sempre em um curso inestancável. A Teoria Corpomídia tem, como principal característica, “consolidar uma epistemologia indisciplinar²⁴, que conecta vários campos do saber, para lidar com o corpo” (Katz e Greiner, 2015, p.7).

No Capítulo 1, abriremos o campo de estudos oferecendo uma noção mais ampliada da capoeira a quem não conhece os seus ambientes. Fortalecemos nossa hipótese através das bibliografias estudadas, em diálogo com a prática, e traremos algumas “papoeiras” (conversas de capoeira), pois nossas dificuldades de diálogo nos pedem esta urgência. Conversar é preciso, talvez mais que nunca, e tais reflexões são frutos de relações olhos nos olhos, corpo a corpo.

No Capítulo 2, nos propomos a entender um pouco mais sobre os avanços neoliberais e o que nossas práticas digitais têm feito conosco, visto que tudo o que praticamos faz algo com nossos corpos. Apoiados em Dardot e Laval (2017), propomos-nos a refletir sobre a construção do comum nos tempos de hoje.

Atentos ao que a prática da capoeira fez de nós em outros tempos e o que ela faz hoje, em tempos pautados pela presença da tecnologia, vale a pena olhar para a capoeira e o que nela opera, de modo a impor resistência

na Universidade de Stanford em 2008. Tanto as conferências quanto o livro são resultado das investigações do pesquisador, com seus colaboradores, em antropologia evolutiva.

²³ Helena Katz e Christine Greiner, professoras do curso Comunicação e Artes do Corpo da PUC-SP e da pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, são parceiras no desenvolvimento da Teoria Corpomídia - em curso há mais de duas décadas -, que reúne pressupostos da teoria evolucionista, da semiótica peirceana, da biopolítica e estudos da neurociência, entre outras bibliografias, para tratar da relação corpo-ambiente.

²⁴ “Para tratar do corpo, não basta o esforço de colar conhecimentos buscados em disciplinas aqui e ali. Nem trans nem interdisciplinaridade se mostram estratégias competentes para a tarefa. Por isso, a proposta da abolição da moldura da disciplina em favor da indisciplina que caracteriza o corpo” (Greiner, 2005 Apud Katz, 2004).

aos mecanismos de coerção e controle da vida, o que inclui a intensa competitividade entre nós.

Entendemos como um dos desafios deste trabalho o de construir uma possibilidade de leitura (para praticantes e não praticantes de capoeira) que nos auxilie na compreensão de que prática e pensamento estão implicados, pois tudo acontece no corpo. Sabemos da existência de uma considerável bibliografia sobre a capoeira, a partir de diversas perspectivas e áreas do conhecimento, mas temos a percepção de que muito ainda precisa ser escrito, considerando a sua complexidade.

O outro desafio está em contribuir para a difusão da sua riqueza para os que não a conhecem de perto. Falar sobre ela é ouvir o que o Outro tem a nos ensinar. É refletir sobre alteridade. É discutir relações de poder. É desenvolver uma postura crítica com a vida. É dar luz à importância da capoeira na educação. É pensar e agir por novas formas de viver. É exercitar a cooperação. É continuar lutando por liberdade...

Para nós, a universidade se enriquece quando se aproxima do conhecimento da capoeira, assim como a capoeira também amplia a visão de mundo de seus praticantes com outras áreas do conhecimento, acadêmicos ou não, pois entendemos que “o importante é não parar de perguntar – único antídoto eficiente contra os preconceitos e a superstição que a ignorância produz” (KATZ, 2010, p. 19). Precisamos do conhecimento, e precisamos uns dos outros, para continuar perguntando...

Capítulo 1. Capoeira e o desenvolvimento da habilidade em cooperar

1. Redes da capoeira

Quem quiser andar ligeiro, nesta vida anda só, mas se tu quer chegar longe, acompanhado é bem melhor (Ladainha do Mestre Pernalonga²⁵)

Desde já, é importante ressaltar que não fazemos da capoeira um exemplo, mas a compreendemos como um saber ancorado na prática do movimento, com uma visão de mundo própria. E reconhecemos que ela também enfrenta dificuldades de diálogo²⁶, como tantos outros microambientes à nossa volta.

Como se sabe, a capoeira, em solo brasileiro, fomentou-se pela ação de africanos, afrodescendentes e povos nativos²⁷ (com a sua diáspora e no contexto da escravidão e colonização do Brasil). Carrega, portanto, uma cosmovisão que nos conta sobre a leitura de mundo destes povos, que engendra a forma de praticá-la, imbricada com o contexto no qual viviam.

É sabido que sua prática se dá no exercício presencial, com o inevitável convívio, em uma comunidade que se interessa por ela. Treinamos juntos, presencialmente; frequentamos rodas (em nossas e em outras “casas”); e

²⁵ “Mestre Pernalonga iniciou capoeira aos 12 anos, ingressando na academia do Mestre Carapau, em SBC (São Bernardo do Campo), onde se formou mestre. Em 1997, fundou o Grupo Nova Geração de Angola, levando seu trabalho para a comunidade de SBC e Diadema, onde atua até hoje, sendo a sua sede em Diadema e mantendo núcleos em SBC e interior de SP”. Também temos ciência da extensão do grupo na Colômbia. Informações do site: <http://www.novageracaodeangola.com>

²⁶ Entendendo por diálogo uma troca em que nos modificamos mutuamente (Sennett, 2012).

²⁷ Embora as pesquisas antropológicas, sociológicas e históricas da capoeira se voltem fundamentalmente para a cultura africana, há um reconhecimento de que a cultura indígena também se fez importante no enredamento desta arte.

promovemos/participamos de encontros/eventos nos quais a vivência é repleta de trocas informais (rodas de conversa, compartilhamento de maneiras de fazer determinado movimento, workshops de confecção de instrumentos, exercícios de musicalidade e etc), trocas estas que vão além do aprendizado de “golpes e esquivas”. O samba de roda e outras manifestações populares também fazem parte, assim como muita comida e muita festa!

Porém, apesar desta descrição, que é bastante usual quando se refere à ‘brasilidade’ de um povo festeiro, faz-se importante alertar que desejamos ir além desta imagem, tão difundida da capoeira, que a apresenta como uma manifestação de um “povo alegre” e com corpos virtuosos.

Há que se considerar o fato dos meios de comunicação estarem praticando (e hoje isso se intensifica, de forma exacerbada, com a internet e as redes sociais) um jeito de lidar com a informação, no qual se dá a ver apenas um “pedaço” de determinado assunto. Consolida-se uma prática discursiva que estabelece uma relação de poder, na qual se conhece apenas uma parte, e de forma superficial. Mas aqui, precisamos caminhar na direção oposta, pois o objetivo é verticalizar o conhecimento sobre a capoeira, dando foco ao potencial da mesma no que se refere à experiência com o Outro, para além do fetiche e do clichê com que se estigmatiza este jogo.

Seguindo com a proposta de desfazer um imaginário difundido, que achata a capoeira, é importante ressaltar que, no convívio desta comunidade, pratica-se muita reflexão. Como Buí diz (e supomos que ouviu de outro, mais antigo), existem os “quatro cantos” da capoeira: jogar, tocar, cantar e falar sobre ela. Falar que ela foi luta por libertação é bem sabido. Mas poucos sabem que, através de diversas ações que a integram na atualidade, ela se insere e promove inúmeros debates sobre a descolonização da vida - passos dados no passado, que hoje seguem caminhando. Além da costumeira “papoeira” interna nos seus coletivos, muitos encontros têm sido organizados com esta proposta, criando pontes cada vez mais ricas com a universidade e com a sociedade, discutindo-se as raízes deste jogo, refletindo sobre as ocupações dos espaços públicos, lutando por espaços dentro e fora da “pequena roda” (como as lutas feministas, anti-racistas e etc), praticando ações auto-sustentáveis e harmônicas com o meio ambiente.

A história da capoeira é indissociável da construção específica de um Outro (no caso, da construção delirante e nefasta do negro reduzido à cor de sua pele), e isto não pode ser perdido de vista. Ela vem da África, carrega uma cosmovisão e modos operantes próprios, ligados à sua ancestralidade, que também é a ancestralidade dos brasileiros. Assim, ela continua lutando pelo seu legado político-social, ao lado dos mais sofridos, mais ameaçados, menos privilegiados, estes que ainda vêm sendo cotidianamente assassinados: “Mataram o nêgo e nós não vamos nos calar!”²⁸.

Hoje, para além das lutas anti-racistas, a capoeira se posiciona e integra o conjunto de lutas por tantas Outras assim chamadas de “minorias”, fazendo parte das práticas que visibilizam, debatem e constroem um novo olhar sobre este mundo aparentemente dado. Cabe dizer o quanto a capoeira vem se posicionando e lutando pelos espaços de nós, mulheres, na “pequena roda” (da capoeira) e na “grande roda” (da vida)²⁹. Ela tem sido uma importante prática de fortalecimento, reflexões e acolhimento diante das variadas práticas machistas e feminicidas, ainda tão escancaradamente presentes em nossos cotidianos. Muitas mestras³⁰ mulheres, em número muito menor do que a

²⁸ Fala do Mestre Cobra Mansa, importante liderança da capoeira e do movimento negro (daremos mais informações sobre o Mestre mais à frente), no contexto recente do assassinato do Mestre Moa do Katendê. Ler postagem no Facebook sobre um dos posicionamentos da capoeira sobre tais fatos, onde se encontra a fala do Mestre: <https://www.facebook.com/duda.carvalho.capoeira/posts/1851780411541884>.

²⁹ Como um dos exemplos dos posicionamentos de nós mulheres capoeiristas na “grande roda”, podemos enfatizar os constantes protestos diante do assassinato político da vereadora Marielle Franco (1979-2018), brutalmente executada a tiros no Rio de Janeiro, nos quais capoeiristas unem-se às tantas vozes que ecoam “Marielle Franco, presente!”. Links sugeridos: <https://oglobo.globo.com/rio/multidao-ocupa-frente-da-camara-de-vereadores-do-rio-em-homenagem-marielle-franco-22492581> (matéria com fala do Coletivo Angoleiras do Rio) e <https://www.facebook.com/zimbapoa/posts/somos-marielle-franco/1041426212676202/> (Página do Facebook Grupo de Capoeira Angola Zimba - Porto Alegre/RS). Marielle Franco é vereadora do PSOL, socióloga, negra, cria da Favela da Maré e defensora dos direitos humanos.

³⁰ Vale ressaltar o Grupo Nzinga de Capoeira Angola como um dos grupos que vem empreendendo ações que debatem o feminismo na capoeira, tendo como uma de suas ações o evento Chamada de Mulher, que em 2017 contou com sua 7ª edição. “Organizado pelo Grupo Nzinga, o evento reúne capoeiristas de todo o Brasil e do exterior para refletir sobre os desafios colocados pela presença cada vez maior de mulheres na capoeira, ou seja, em jogo. (...) Corpo em Jogo convida você pra refletir sobre o que está em jogo quando a mulher entra na roda da capoeira e da vida”. Informações do vídeo disponível em: <https://www.facebook.com/grupo.nzinga.5/videos/1492810864105490/>. Para maiores informações do grupo: <http://www.nzinga.org.br/>. Rosângela Costa Araújo, nascida em Feira de Santana em 1959, conhecida como Mestra Janja, é uma das fundadoras do grupo e tem sido

quantidade de mestres no mundo todo (e convenhamos que não precisamos procurar pelo motivo)³¹, fazem questão de sublinhar seus lugares de fala com um “a” no seu fazer. Imaginemos o que significa para nós, mulheres, liderar uma roda e tocar com habilidade o “gunga”, o berimbau mais importante deste ritual, tantas vezes colocado à distância, ou mesmo, negado a nós. Negado ou colocado à distância porque não é apenas um instrumento, mas um lugar de poder.

Também cabe dizer que há muitas e muitos praticantes, por exemplo, com tipos de corpos que, dentro do sistema em que vivemos, são considerados corpos com determinadas “deficiências”. Mas nesta comunidade, ele é só mais um corpo praticante de capoeira. Não se trata de ser uma prática “inclusiva” porque, ao dizer ‘inclusivo’, se legitima a condição da exclusão. Neste sentido, entendemos que a capoeira opera por uma outra lógica, pois lida com a pluralidade dos corpos, cada qual com as suas próprias aptidões e sua capacidade de desenvolvimento.

Podemos dizer que a capoeira, hoje, é caracterizada pela co-atividade de quem quer que deseje praticá-la. E se configura como uma comunidade não só de afrodescendentes, mas de todas e todos os interessados por seu conhecimento, independente de idade, sexo, etnia ou condições econômicas, independente de uma identificação dada a priori. E quem a procura tem motivações diversas, além do alinhamento às lutas que a capoeira costuma empreender: saúde, educação, vontade de estar em coletivo, desenvolvimento de musicalidade, dentre outras. São, portanto, todas e todos estes que a constroem, em uma comunidade em rede internacional, em todos os continentes, em mais de 160 países³². É praticada em lugares distintos, que

uma referência nestes debates. É graduada em História pela UFBA, com posterior mestrado e doutorado em Educação na USP.

³¹ Não precisamos procurar por muitos motivos para compreender que a presença majoritária é masculina, no ambiente da capoeira, embora esta realidade já esteja bem diferente de décadas atrás. Assim como nos demais ambientes, na capoeira não é diferente, e ainda há muitas barreiras machistas ancoradas em nossos cotidianos. Na capoeira, não tem sido diferente, e as mestras mulheres têm sido mais reconhecidas nas últimas décadas, fruto de intenso trabalho.

³² Informação do site oficial do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), quando a capoeira foi reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, em novembro de 2014.

vão desde pequenas comunidades até as grandes metrópoles do mundo. Possui, portanto, suas próprias redes, disseminadas onde nem imaginamos. Redes de acolhimento, em intenso fluxo de trocas, suportes e afetos. É bem fácil ter abrigo em casas do outro lado do mundo. Sabendo chegar, há acolhimento.

As rodas vão se compondo em muitas redes, através da ritualidade que as envolve. O canto, que ecoa em coro, que reverbera de voz em voz que “acompanhado é bem melhor”... Berimbaus que conversam entre si... E que conversam com os jogadores... E que se relacionam com os demais instrumentos que compõem a bateria... Corpo com corpo no centro da roda, trocando com todas aquelas vozes que os circundam... Ladainhas, louvações e corridos³³, que falam determinadas coisas para determinadas ocasiões... Trata-se de um enredamento que a escrita não é capaz de descrever.

Falar sobre capoeira é refletir criticamente sobre o fato de que costumamos ler o mundo separando as suas partes. É muito comum se entender que as partes são, por vezes, contrárias e não existem em co-implicação. Esta falsa compreensão não pode ser ignorada, na medida em que compreendemos que não estamos apartados do Outro. Precisamos nos livrar dela para podermos lançar um novo olhar sobre o jogo e sobre a vida.

Há um verso muito cantado na capoeira, que diz assim: “jogo de dentro, jogo de fora...”³⁴. Esta dupla de vocabulários, nas práticas, refere-se à distância entre os jogadores. “Jogo de dentro” expressa que os capoeiristas estão bem próximos, “dentro” um do outro. Aqui, utilizamos esta dupla de vocabulários para refletir sobre o jogo da capoeira (de dentro) e da vida (de fora). Sabemos que o jeito como o capoeirista lida com o Outro em seus ambientes, fora da capoeira, aparece no exato momento do jogo. E tudo o que acontece no jogo, também revela a maneira como ele lida com a vida, pois que o mesmo corpo que joga capoeira realiza todas as suas outras atividades. “O próprio corpo resulta de contínuas negociações de informações com o ambiente e carrega esse seu modo de existir para outras instâncias de seu funcionamento” (KATZ

³³ Refere-se à estruturas de versos variados, com suas respectivas funções e coros.

³⁴ Verso de autoria desconhecida.

e GREINER, 2011, p.72). Portanto, sabemos que para abordar a cooperação na capoeira precisamos reconhecer a impossibilidade de separar “jogo de dentro” e “jogo de fora”, assim como “pequena roda” e “grande roda”.

É sabido que a capoeira integra o conjunto de manifestações e tradições populares que tem a oralidade como forma privilegiada do conhecimento. Que corpos são esses que jogam capoeira hoje? É um corpo que também está no WhatsApp, é um corpo que está nas redes sociais, é um corpo que se constitui em um sistema neoliberal. Portanto, é inevitável que, assim como aconteceu com todo e qualquer tipo de treinamento, haja mudanças na forma de praticar capoeira hoje. “Quando as formas de adquirir o conhecimento mudam, muda o conhecimento” (Katz, 2015, p. 243). O que a prática da capoeira fez de nós e o que ela faz de nós hoje? Compreendemos que a sociedade altera o modo de se pensar a capoeira e a capoeira, assim como as demais práticas, pode modificar hábitos sociais, com as redes que a compõem.

Mas, apesar das transformações, tem sua existência atada na convivialidade e na valorização da sabedoria dos mestres e dos mais antigos, o que vai na contramão do que hoje está sendo posto, e que valoriza a novidade, a eterna juventude, a velocidade e a constante produção de celebridades. A relação entre Mestre e aluno, por exemplo, que depende de um convívio que se faz no tempo lento do conhecimento, que atravessa gerações, não combina com a imediatez em que a vida vai se pautando, agora povoada por um excesso de informações a serem consumidas velozmente. Trata-se de uma relação que implica em pegar na mão...

Guardamos vivas, ainda na memória, lembranças das primeiras aulas no Forte Santo Antonio, há cerca de uma década, em que aprendíamos os primeiros movimentos da capoeira angola pelas mãos de João Pequeno. A sensação de acolhimento ao sentirmos o toque das mãos daquele ancião, então beirando os oitenta anos, que, com todo carinho e delicadeza, conduzia nossos movimentos de braços e pernas pelo caminho sinuoso da capoeira angola, era uma sensação que talvez jamais esqueçamos. Nesses dez anos de convivência com a capoeira angola do mestre João Pequeno, em sua academia localizada no Forte Santo Antonio, em Salvador, somos nós próprios testemunhas desse processo de aprendizagem em que o mestre, o ancião, é figura principal e digna de respeito e admiração por parte dos aprendizes (ABIB, 2006, p.89-90)³⁵.

³⁵ Artigo Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão (2006), do pesquisador Pedro Abib, disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n68/a07v26n68.pdf>.

Um conviver para além do treino, como parte do aprendizado...

A gente ficou acompanhando ele no treino da capoeira e depois, em tudo que ele fosse fazer... lá plantar na roça, a gente ia junto, e ficava pra lá quase uma semana. A família dele fazia rapadura, tinha engenho. Engenho grandão, puxado por bois. Moía a cana e levava pro outro engenho, pra um outro lugar, pro alambique. E acompanhava ele em várias coisas, não só no treino da capoeira³⁶

É um trocar hálito que só a presença é capaz.

O mais importante nessa tradição é o hálito, é o que você tá passando... a sua alma que você tá transmitindo [faz o gesto como se estivesse passando a alma através da boca]. Então você não está transmitindo simplesmente a sua palavra, mas o hálito... a alma... então, quando você recebe aquilo, você tá recebendo uma tradição de muitos e muitos antepassados, porque alguém já me passou isso... agora eu tô passando pra você (Depoimento de Mestre Cobrinha in ABIB, 2006, p.90).

2. Vadiar, uma ação cognitiva “com”...

A capoeira é amorosa, não é perversa. É um hábito cortês que criamos dentro de nós, uma coisa vagabunda (Mestre Pastinha, 1979)

O que mais importa aqui é identificar a capoeira como um universo de treino da habilidade em cooperar. Como se sabe, o jogo da capoeira só acontece a partir do encontro com o Outro, e, enquanto jogo, configura-se a dois, não se joga sozinho. A todo instante, nossa movimentação é convocada a

³⁶ Depoimento do professor Fala Mansa sobre seu aprendizado inicial na capoeira, na convivência com Mestre Austero, em Varselândia (MG). Conversa gravada em 29 de junho de 2017.

se reorganizar, em um trânsito de “perguntas e respostas”³⁷. A partir de uma pergunta que o corpo do Outro nos faz, podemos propor uma resposta, e assim, sucessivamente.

Quando falamos que ela exercita a habilidade em cooperar, queremos ressaltar que o fazer que a capoeira proporciona (tanto nos treinos quanto nas rodas) tem uma outra implicação neste mundo, além do modo trivial em que se fala dele. Para isto, faz-se necessário compreender que o desenvolvimento de uma habilidade corporal é um modo de constituir o pensamento (o fazer se liga ao pensar) e que precisamos nos distanciar de dicotomias fortes, que separam mente/corpo, razão/emoção e natureza/cultura (e, para tal, seguimos com a Teoria Corpomídia, de Katz e Greiner).

Usualmente, floresce o entendimento de que o corpo está separado da mente. A mente seria o lugar privilegiado da razão, enquanto o corpo seria um executor de tarefas, um recipiente que vai acumulando informações. Esta forma de pensar limita o desenvolvimento de uma prática às habilidades ditas “motoras”, como se o fazer motor nada tivesse a ver com o que pensamos, porque o pensamento é entendido como o que vem depois do fazer, na forma de um a posteriori da experiência que se teve. É a compreensão de que pensar é pensar sobre algo. No entanto, avanços de algumas vertentes das ciências cognitivas³⁸ nos revelam um entendimento sobre o corpo que nos torna mais aptos a compreender como o corpo se dá a conhecer.

Em 1987, o filósofo norte-americano Mark Johnson, professor de Ciência Cognitiva e Linguística e também de Ciência da Computação na Brown University, repropôs a relação entre corpo, movimento e cognição. Mostrou que a cognição tem origem na motricidade e explicou que a ideia de que existe um dentro, um fora e um fluxo de movimento entre eles se apoia no conceito de corpo como recipiente; um entendimento que se popularizou, mas que não se sustenta mais (KATZ, 2010, p.22).

³⁷ “Perguntas e respostas” é um vocabulário bastante utilizado na capoeira para referir-se à “conversa” corporal dos capoeiristas em jogo.

³⁸ As Ciências Cognitivas reúnem várias disciplinas, como filosofia, psicologia, neurociência, linguística, ciência da computação, dentre outras, para investigar como acontece a cognição.

Segundo tais estudos, à medida que nos movemos, vamos construindo nossas leituras de mundo. O pensamento nasce do movimento, tem a ver com o sistema sensório-motor. E o pensamento é também movimento. Assim, “(...) o raciocinar, o perceber e o funcionar motoramente passam a estar profundamente ligados. A razão passa a ser tratada na perspectiva do movimento, ou seja, corporificada” (Katz, 2010, p.23).

Portanto, quando a capoeira nos convida a reconfigurar nossos corpos com as experiências do jogo, também nos convida a reconfigurar o pensamento. Reorganizar o movimento é reorganizar a forma de olhar o mundo.

Não há nada que esteja em um pensamento que não tenha estado também no sistema sensório-motor do corpo, ou seja, quem dá início ao processo de comunicação é o movimento. Por isso, também se torna indispensável saber como o corpo funciona (KATZ, 2010, p.23).

Não há como estudar o corpo reduzindo-o às suas partes ou separando-o do contexto em que ele se encontra. Pois há um “co”, no que se refere ao corpo, que impede separações, garantindo que o corpo e o ambiente se coimpliquem, num fluxo inestancável de coevolução. Nossos hábitos cognitivos, ou seja, nossa maneira de ler e lidar com o mundo, está complicada com nossas práticas, e vice-versa, com o que fazemos, com o que treinamos, com as habilidades que desenvolvemos. Assim, tendo origem na motricidade, nossos hábitos cognitivos vão se constituindo a cada mover-se. Nosso corpo vai se fazendo “com” o ambiente, num fluxo constante, instabilizando o binômio “dentro do corpo” e “fora do corpo” como geografias prontas e sem conexão, porque o corpo altera o ambiente e o ambiente transforma o corpo.

O que está fora adentra e as noções de dentro e fora deixam de designar espaços não conectos para identificar situações geográficas propícias ao intercâmbio de informação. As informações do meio se instalam no corpo; o corpo, alterado por elas, continua a se relacionar com o meio, mas agora de outra maneira, o que o leva a propor novas formas de troca. Meio e corpo se ajustam permanentemente num fluxo inestancável de transformações e mudanças (KATZ e GREINER, 2001, p. 71).

Quando se entende o corpo não como um “recipiente” que guarda e acumula informações “dentro de si”, mas como uma coleção de informações que nunca fica “pronta” porque o fluxo de trocas com o ambiente não se estanca, se percebe que o corpo não pode ser reduzido ao corpo biológico, pois as informações com as quais trocamos passam a fazer parte do que vai se engendrando como corpo.

As relações entre o corpo e o ambiente se dão por processos co-evolutivos, que produzem uma rede de pré-disposições perceptuais, motoras, de aprendizado e emocionais. (...) Algumas informações do mundo são selecionadas para se organizar na forma de corpo – processo sempre condicionado pelo entendimento de que o corpo não é um recipiente, mas sim aquilo que se apronta nesse processo co-evolutivo de trocas com o ambiente (KATZ e GREINER, 2005, p.130).

Seja na capoeira ou não, ambiente e corpo estarão sempre se ajustando, conectos. Assim acontece também na relação de um corpo com outro corpo. Assim acontece no jogo a dois. E é fato que nunca sairemos de um jogo da mesma forma que entramos. De modo consciente ou não, estamos sempre nos modificando mutuamente com cada experiência, onde não se sabe mais quem “pergunta” e quem “responde”, nem o que “vem de mim” e o que “vem do Outro”. “O jogo é como duas velas acesas queimando, se desfazendo ao mesmo tempo”³⁹. Quando duas velas estão a queimar-se mutuamente, a cera derretida entre ambas não se separa. Assim é o jogo, ele é a relação dos dois e não há como ser compreendido de modo a separar as partes.

“São dois corpos harmoniosos que trocam conhecimento”⁴⁰.

³⁹ Fala de Mestre Armando (CE), no dia 11 de agosto de 2018, em Fortaleza-CE, ao ministrar uma oficina de Capoeira Angola no encontro Tribos, Berimbaus e Tambores 2018, organizado pelo CECAB (Centro Cultural Capoeira Água de Beber). Armando Teixeira Leão, 58 anos, nasceu em Nova Friburgo (RJ) e reside em Fortaleza há quase 30 anos. Ogan Alabê do Candomblé Ilê Axé Omo Tifé. Historiador. Iniciou capoeira em 1975, com o hoje Mestre Marco Aurélio, aluno de Mestre Moraes, com quem foi aprender em 1976. Desenvolve trabalho de Capoeira Angola no Ceará, desde que chegou, sendo precursor no Estado. Diz ser militante do movimento negro desde muito jovem.

⁴⁰ Verso de autoria de Mestre Moa do Katendê. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T-WGzRmQgeE>.

Ressaltamos, portanto, um aprendizado que vai se ‘fazendo com’, que nunca fica pronto. Assim é o conhecimento e suas trocas. A cada jogo, um novo exercitar. Novas leituras de mundo, novos pensares. Não é que quando jogamos capoeira estamos refletindo se somos ou não cooperativos, mas, uma vez que jogamos, vamos constituindo uma disposição em nós, envoltos “na experiência do prazer recíproco” (SENNETT, 2012, p.16).

Portanto, exercitamos a habilidade em lidar com as diferenças, que são inerentes a qualquer encontro - é esta a habilidade que a capoeira nos põe a praticar constantemente.

“Colocar tempero na ginga” é expressar nosso jeito peculiar de gingar e de realizar os movimentos. As diferenças entre nós são constantemente estimuladas. E podemos dizer que faz parte do modo operante da capoeira ser um exercício constante de encontros inusitados, que as diversas rodas proporcionam, envoltos na ludicidade e na ritualidade. Uma possibilidade de diálogo entre diferentes, que vai se configurando em um jogo sempre único, no qual as diferenças fazem o jogo acontecer, enfatizando a heterogeneidade de corpos.

A capoeira também nos convida a aperfeiçoar o reconhecimento do Outro em sua singularidade. Convida-nos a desenvolver uma curiosidade investigativa e a avançar no entendimento de que o Outro não está apartado de nós, exercitando a cooperação no permanente empenho dos corpos em ‘fazer com’, praticando “um hábito cortês”. Que leituras de mundo vão se construindo ao exercitarmos repetidamente um “hábito cortês”?

3. Cooperação capacitada e a “artesanía” da capoeira

Que nos podem sugerir as experiências de coordenação física a respeito da cooperação social? (Sennett, 2008, p.182)

A palavra cooperação está muito presente em discursos empresariais e parlamentares, trivializada de uma forma que já não ajuda a refletir sobre ela. Precisamos pensar sobre o que cabe hoje no uso da palavra ‘cooperação’. Sabemos que cooperar, no atual estágio do neoliberalismo, não inclui a ideia de **promoção da vida para todos**, mas sim **ações colaborativas para fins específicos de benefício entre pares**, que não hesitam em prejudicar muitos em benefício de poucos. Ou seja, cooperamos entre nós, mas “contra eles”, ou cooperamos entre nós “sem nos importarmos com o resto”, cientes ou não dos prejuízos ambientais, habitacionais, morais, simbólicos, educacionais, financeiros, trabalhistas, afetivos, de saúde e etc, que nossas ações podem gerar.

Sabendo do uso gasto da palavra, trazemos para a discussão um autor que entende a cooperação como uma habilidade do corpo, tendo como premissa que fazer é pensar, como já enfatizamos. Richard Sennett nos conta que, com a maturidade no seu campo de saber, decidiu voltar suas reflexões para habilidades que precisamos na vida cotidiana, pois diagnostica que estamos desabilitados⁴¹ em cooperar. Embora não se refira diretamente à sociedade de hoje, pois tem como foco a sociedade moderna, entendemos que a sua discussão se inclui nos avanços da relação humano-máquina, que vem seguindo um curso inestancável.

Tenho a sensação, em um momento em que o mundo parece vergar ao peso das coisas físicas, de que não sabemos usar bem as máquinas e os objetos materiais. Queria, portanto, pensar melhor sobre as coisas comuns (SENNETT, 2012, p.9).

Em **O Artífice** (2008) e em **Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação** (2012), o autor desenvolve dois conceitos que caminham de mãos dadas: a técnica e a cooperação. Em poucas linhas, poderíamos dizer

⁴¹ Em **Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação** (2012), argumenta sobre como nossa sociedade vem “desabilitando” nossa habilidade em cooperar. Explica que “o termo “desabilitar” decorre da substituição de homens por máquinas na produção industrial”. E também vai ao encontro de que “a desabilitação vem ocorrendo em igual medida no terreno social”. Embora esteja se referindo à sociedade pós-industrial e à sociedade moderna, refletindo sobre como as mudanças no modo de trabalhar foi alterando nossos modos de viver em sociedade, nos ajuda a pensar o que sucede agora.

que a técnica é o empenho em fazer bem as coisas - distanciando-a da ideia de algo meramente mecânico - e a cooperação uma habilidade passível de ser treinada, ambas envoltas pelo diálogo e pela investigação, deixando explícito seu conceito de técnica:

A técnica tem má fama; pode parecer destituída de alma. Mas não é assim que é vista pelas pessoas que adquirem nas mãos um alto grau de capacitação. Para elas, a técnica estará sempre intimamente ligada à expressão (SENNETT, 2008, p. 169).

Sennett (2012) percebe o “enfraquecimento do impulso de cooperar com aqueles que se mantêm teimosamente Outros” (Ibidem, p.19), mas ressalta a destreza e a competência como habilidades que podemos desenvolver no desafio espinhoso de viver juntos.

Foco minha atenção na destreza e na competência porque, a meu ver, a sociedade moderna está desabilitando as pessoas na condução da vida cotidiana. Dispomos de muito mais máquinas do que nossos antepassados, mas de menos ideias sobre a melhor maneira de usá-las; temos mais canais entre as pessoas, graças às modernas formas de comunicação, mas menor compreensão sobre como nos comunicar bem (Ibidem, p.10 e 11).

Apesar da dificuldade deste terreno escorregadio, sua hipótese é que a cooperação surge da atividade prática, sendo, portanto, passível de ser exercitada e aprimorada. E propõe uma reflexão em torno de um tipo de cooperação mais exigente, capacitada: “(...) cooperação capacitada parece mais confinada ao reino ideal do que ao reino prático do comportamento cotidiano” (Ibidem, p.17). Ouvir, receber, dar atenção, reciprocamente, são atividades práticas, que Sennett denomina de “habilidades dialógicas”.

“Dialógica” é uma palavra cunhada pelo crítico literário russo Mikhail Bakhtin para se referir a uma discussão que não resulta na identificação de um terreno comum. Embora não se chegue a um

acordo, nesse processo de troca as pessoas podem se conscientizar mais de seus próprios pontos de vista e ampliar a compreensão recíproca. A empatia está mais ligada à troca dialógica; embora a troca seja sustida pela curiosidade, não experimentamos a mesma satisfação de um fechamento, de estar rematando as coisas. Mas a empatia tem sua própria recompensa emocional (Ibidem, p.32).

Mas sucede que estamos debilitando estas habilidades pela diminuição das oportunidades em praticá-las e, curiosamente, mesmo sendo este o nosso cotidiano agora, vale sublinhar que nunca escutamos tanto a palavra ‘empatia’, que nos coloca na direção do Outro, como nos tempos atuais. Como “habilidades dialógicas” são habilidades do corpo, o autor pergunta: “Haveria algum fundamento corporal para o trabalho cooperativo?” (SENNETT, 2008, p. 182).

Tratando-se da capoeira, embora nem sempre o jogo vá se constituindo de forma fluida entre os jogadores, ela nos põe a praticar tais “habilidades dialógicas”, estejamos conscientes ou não disto. O desenvolvimento da habilidade, na capoeira, depende de uma capacidade de escuta e de leitura do corpo do Outro, para que o jogo se desenvolva. A capoeira se constitui como um ambiente, no contexto do mundo neoliberal, de prática de habilidades dialógicas, configurando-se em uma convivialidade estimulada pela empatia, que exercita uma cooperação capacitada.

É um constante aperfeiçoar-se porque há sempre uma possibilidade de buscar fazer melhor e de novo, esta é a sua “artesanaria”. Para nós, buscar fazer melhor não se limita ao aperfeiçoamento de vocabulários corporais isolados. A capoeira nos convida a aperfeiçoar a “habilidade dialógica”. A aperfeiçoar a escuta no jogo de corpo. Tanto nos treinos quanto nas rodas, é “com” o Outro que olhamos para nós mesmos.

O que significa, de maneira mais genérica, que o que ganhamos com tipos mais exigentes de cooperação é a compreensão de nós mesmos. (...) A autoconsciência manifesta-se no contexto da experimentação e da comunicação com os outros (SENNETT, 2012, p.17; 25).

Em **O Artífice** (2008), o autor investiga o processo de “feitura” das coisas. Desenvolve o conceito de “bem feito” para refletir sobre a nossa práxis. Faz-se necessário ressaltar que, para ele, fazer bem feito não significa estancar-se na ideia de perfeição, mas continuar em processo sempre, em trânsito com novos aprendizados. “Bem feito” no fluxo das respostas sempre provisórias, que desembocam em novas perguntas. E traz para a conversa as “habilidades artesanais”, de uma maneira bem ampla.

A expressão “habilidade artesanal” pode dar a entender um estilo de vida que desapareceu com o advento da sociedade industrial – o que, no entanto, é enganoso. Habilidade artesanal designa um impulso humano básico e permanente, o desejo de um trabalho benfeito por si mesmo. Abrange um espectro muito mais amplo que o trabalho derivado de habilidades manuais; diz respeito ao programa de computador, ao médico e ao artista; os cuidados paternos podem melhorar quando são praticados como uma atividade bem capacitada, assim como a cidadania (Ibidem, p.19).

Como os conceitos de “bem feito” e “cooperação capacitada” podem nos ajudar a refletir sobre o exercício da cidadania hoje? Sabemos que o prazer do fazer “bem feito” e o exercício do desenvolvimento da habilidade em cooperar não combinam com as ideias de produtividade e utilidade do neoliberalismo. Porém, segundo Sennett, todos nós temos a capacidade de sermos bons artífices, ou seja, de praticarmos determinada atividade de forma capacitada e nos orgulharmos dela, como recompensa por um trabalho bem feito.

O orgulho pelo próprio trabalho está no cerne da habilidade artesanal, como recompensa da perícia e do empenho. (...) Os artífices orgulham-se, sobretudo, das habilidades que evoluem. Por isso é que a simples imitação não gera satisfação duradoura; a habilidade precisa amadurecer. A lentidão do tempo artesanal é fonte de satisfação; a prática se consolida, permitindo que o artesão se aposses da habilidade. A lentidão do tempo artesanal também permite o trabalho de reflexão e imaginação – o que não é facultado pela busca de resultados rápidos. Maduro quer dizer longo; o sujeito se apropria de maneira duradoura da habilidade (SENNETT, 2008, p.328).

A mestria na capoeira revela a maturidade advinda de um tempo longo de prática. Mestres e mestras debruçam-se na ‘feitura’ da capoeira durante uma vida inteira. Mestre Ratto, por exemplo, diz estar em busca do ‘fino’ da capoeira, e que no estímulo mútuo do ensinar/aprender, sempre caberá aos artífices inquietos um continuar aprimorando-se. Em conversas, divide conosco sua constante investigação de que há muito mais na capoeira a ser compreendido do que o aprendizado de “golpes e esquivas”.

Lembrando que o “raciocinar, o perceber e o funcionar motoramente” (Katz, 2010, p.23), estão profundamente relacionados, o que o exercício constante de ler o Outro, escutá-lo, vai fazendo conosco? Compartilhando o desejo pelo ‘fino’ da capoeira, entendemos que uma habilidade em desenvolvimento não fica ali, retida ao momento do jogo, pois passa a fazer parte do modo como nos relacionamos com as pessoas nos demais ambientes que habitamos. Ou seja, o desenvolvimento de qualquer habilidade constitui-se como corpo. A capoeira, portanto, tem esta aptidão em reorganizar nossas ações não só entre capoeiras, mas também no mundo, mudando a vida de cada um de nós, pois, como já dito, o movimento vai constituindo o pensamento.

O tipo de ‘fineza’ que buscamos na capoeira hoje está implicado com o que o tempo atual nos pede. Não se pode ignorar as formas de opressão do agora, e também, que o engajamento da capoeira sempre foi com a liberdade. Acreditamos que cada momento pede uma urgência de nós, enquanto capoeiras, contra quaisquer formas de opressão. Estamos a nos perguntar, portanto, quais as necessidades do nosso tempo e como a capoeira pode alimentar as urgentes lutas do agora, com as suas práticas de cooperação. Consideramos que o “gastar” tempo para reconhecer e respeitar o Outro enquanto realmente Outro, em sua diferença, é um dos nossos maiores desafios, em meio à onda ascendente de intolerância, em todo o mundo. Trazemos, portanto, reflexões sobre uma cooperação ativa e não apenas tolerante, pois a simples tolerância implica em manter o abismo entre nós. Vivemos tempos em que escutar, enxergar e ouvir vêm se tornando ações realmente transformadoras.

Cada avanço no desenvolvimento de habilidades está repleto de

implicações estéticas (nas formas que os fazeres tomam) e éticas (nas atuações desses fazeres no mundo). Exercitar uma cooperação capacitada na capoeira é entendê-la enquanto uma “artesanaria” política.

4. Conversas de “fazeção”

Jogue pra mim... Eu também quero jogar... Se jogar pra mim eu pego, vou jogar pra tu pegar, camará! (Trecho de ladainha do Mestre Cobra Mansa)

Como é sabido, a prática corporal da capoeira se dá nos treinos e nas rodas. O exercício do treino se dá na repetição dos vocabulários característicos da capoeira (como rabo-de-arraia, meia-lua-de-frente, aú, bananeira e etc) e na simulação, na invenção de possibilidades de jogos. A partir de uma situação de jogo proposta para ser praticada, surgem outras situações, que vão dando em tantas outras. Ouvi, muitas vezes, a expressão “estudar a engrenagem” como uma instrução do professor Fala Mansa, referindo-se à investigação em que a dupla busca o tempo certo da aplicação de uma rasteira, por exemplo, ou mesmo o tempo de um golpe e uma esquiva e vice-versa, seguido de um contragolpe.

O jogo da capoeira se desenvolve nesta “engrenagem” continuada. Os treinos são como “ensaios”, ambientes de aprimoramento desta habilidade, nos quais, com a ajuda do Outro, temos a oportunidade de olhar para os nossos movimentos, em um constante fazer e consertar. Não compreendemos o treino rasamente, como uma preparação para um outro momento (a roda), pois o treino tem sua própria recompensa para os envolvidos, no que toca à cooperação e ao aperfeiçoamento de ambos.

À medida que uma pessoa desenvolve sua capacitação, muda o conteúdo daquilo que ela repete. (...) Quando a prática é organizada como um meio para alcançar um fim predeterminado, reaparecem os

problemas do sistema fechado; a pessoa em treinamento atingirá uma meta fixa, mas não irá além (SENNETT, 2008, p.49; 50).

A repetição com o Outro, no treino da capoeira, em um sistema aberto e repleto de possibilidades, tem na própria experiência a sua riqueza, que vai muito além do desenvolvimento de habilidades ditas motoras, como já enfatizamos. Estar juntos na empreitada do aperfeiçoamento tem implicações éticas na convivialidade.

Um ensaio, no sentido de repetir uma rotina para aperfeiçoá-la, é mais difícil quando efetuado sozinho. Colocada de maneira mais formal, a repetição, com o tempo, torna a cooperação ao mesmo tempo sustentável e perfectível (SENNETT, 2012, p.23).

Sennett nos conta que, no *continuum* do aperfeiçoamento, o tempo entre a detecção de um determinado problema e a resolução do mesmo vai diminuindo. Isto porque vamos nos tornando mais capazes em antecipar um dito ‘erro’, através do aprendizado que a experiência da repetição nos proporciona. Já fizemos de ‘tal maneira’ tantas vezes que, mesmo antes de fazer novamente, conseguimos imaginar que estaremos em trilhas que já percorremos outras vezes, e a experiência nos mostrou não ser o melhor caminho, e que deveríamos buscar outros modos de fazer. Ocorre uma espécie de ‘antecipação corpórea’.

“Fazer algo repetidas vezes é estimulante quando se está olhando para a frente. A substância da rotina pode mudar, metamorfosear-se, melhorar, mas a recompensa emocional é a experiência de fazer de novo” (Sennett, 2008, p. 196). Acreditamos que um leitor capoeirista possa refletir sobre a detecção/solução do problema e a capacidade de antecipar tomando qualquer aprendizado na capoeira como exemplo, como a repetição contínua da bananeira, no qual caímos tantas e tantas vezes, e assim vamos adquirindo pequenas conquistas/aptidões neste aprendizado. A cada novo ‘fazer bananeira’, o que está sendo exercitado muda, pois o corpo vai adquirindo novas aptidões e, com elas, se torna capaz de se arriscar onde antes não se

arriscaria. Um exercício desafiador e bastante praticado por todos os capoeiristas, a 'bananeira' se torna uma marca estilística deste fazer.

É no exercício da nossa capacidade de antecipar uma situação que surpreendemos o Outro, e o jogo se mantém ativo. Relacionado a este estado de atenção, Sennett desenvolve uma reflexão sobre a *preensão*, “um movimento de alcançar algo”, “ir em busca”, um movimento ativo. “Os movimentos que o corpo antecipa e age na frente dos dados sensoriais são os da *preensão*” (Ibidem, p.174). A *preensão* torna-se mais fácil de ser compreendida quando imaginamos o corpo preparando-se para o encontro com determinado objeto e antecipando sua forma para este encontro. Quando nos direcionamos a alcançar um copo com a mão, por exemplo, a mesma, antes mesmo de tocar o copo, já vai moldando a forma necessária para esta ação. Ele explica que a *preensão* ou ato de alcançar algo é de grande importância em nossas leituras de mundo, ao longo do nosso desenvolvimento.

Segundo Sennett (2008), estudos evolucionistas demonstram que há um diálogo evolutivo entre a mão e o cérebro. “Foram os *usos* da mão, e não as alterações em sua estrutura, que acompanharam o aumento do tamanho do cérebro” (p.170). Nossa própria história evolutiva nos conta que fazer é pensar e revela a relação intrínseca entre conhecimento tácito e experiência reflexiva.

De todos os membros do corpo humano, é ela (a mão) dotada da maior variedade de movimentos, que podem ser controlados como bem queremos. A ciência tenta mostrar como esses movimentos, aliados ao tato e às diferentes maneiras de segurar com as mãos, afetam nossa maneira de pensar (Ibidem, p.169).

Portanto, o desenvolvimento da *preensão* (de objetos, alimentos, ferramentas e etc) tem uma implicação na nossa história evolutiva. “E essas mudanças estruturais facultaram à nossa espécie uma experiência absolutamente própria do ato de pegar” (Ibidem, p.171). Acrescenta-se ao pegar, o “saber soltar” como algo ainda mais refinado. O preender e o liberar são habilidades envolvidas em qualquer ação técnica, desde as mais simples às mais complexas. Assim, todas as proezas técnicas das quais o corpo é

capaz “baseiam-se naquilo que qualquer um faz ao esticar a mão para apanhar o copo” (Ibidem, p.175).

O jogo da capoeira é um brincar com a apreensão, tendo como regra praticamente unânime o “não pode agarrar”. Ambos estão sempre se antecipando para alcançar o outro. Os dois jogadores lidam com a antecipação. E os corpos se ajustam antes mesmo de terem consciência disso. É um “ir em busca”, dar forma ao corpo, sem que o golpe ou a apreensão em si necessariamente se concretize no encontro efetivo dos corpos em jogo.

A apreensão indica um estado de alerta, envolvimento e disposição para o risco no mesmo ato de olhar à frente; é, em nosso espírito, o exato oposto do contador prudente que não movimenta um só músculo mental até dispor de todos os números (SENNETT, 2008, p. 174).

Ao mesmo tempo em que tentamos “alcançar”, queremos continuar jogando, não eliminar o Outro. Em nossas escutas de convívio, é bem presente a fala de que é “mais bonito mostrar que poderia ter dado um golpe do que acertar realmente o pé no outro”. “O gesto lúdico impregna a situação de realidade condicional” (MASSUMI, 2017, p.18)⁴². Mantém um “se” suspenso. É um mostrar o que poderia ter sido. Mestre João Grande⁴³ enfatiza que capoeira é “pra mostrar o golpe”:

A capoeira, você vai aprender para mostrar o que o mestre ensinou a vocês... (...) Mostrar jogo sem bater no adversário... Porque a

⁴² Brian Massumi, em **O que os Animais nos Ensinam sobre Política** (2014), desenvolve o conceito de “mútua inclusão”, referindo-se à imbricação das diferenças entre a arena da brincadeira e a arena do combate na brincadeira animal. Em sua proposta, constrói uma argumentação em torno de uma biopolítica não-antropocêntrica. Massumi é filósofo, canadense, professor no Departamento de Comunicação da Universidade de Montreal, reconhecido por suas leituras de Deleuze.

⁴³ Mestre João Grande (1933), juntamente com Mestre João Pequeno (1917-2011), são os dois mais conhecidos discípulos de Mestre Pastinha. João Grande mora em Nova Iorque há mais de 25 anos, local onde fundou a academia Angola Center of Mestre João Grande, e viaja constantemente por todo o mundo, ministrando suas aulas em encontros de capoeira. Recebeu o título de doutor *honoris causa* pela universidade Upsala College, do estado de Nova Jersey, em reconhecimento por seu trabalho.

capoeira não é pra bater, é pra mostrar o golpe. Mostrou, saiu. Se você for aprender capoeira pra brigar, procurar briga, é melhor você desistir. Porque vocês não vão se criar... Vocês podem aprender capoeira pra fazer dança, fazer amizade com deus e o mudo, tá certo? Mas pra brigar, não aprenda não, eu mesmo não ensino pra briga.⁴⁴

E saber 'frear' o pé, como diz Mestre João Pequeno⁴⁵:

O capoeirista, pra bater no seu adversário, ele não precisa encostar o pé. Ele deve ter o seu corpo freado, manejado, pra ele levar o pé... Viu que o adversário não se defendeu, antes do pé encostar, ele freia. Porque quem tá de parte, vê: ele não bateu porque não quis. Então, não precisa dar pancada.⁴⁶

A partir das falas dos mestres, cabe refletir sobre o papel da brincadeira dentro do combate. É sabido que, desde o início do século XX, há registros da capoeira como 'brinquedo de Angola'. O que caracteriza a capoeira e a difere de outras lutas é a mútua inclusão do jogo, da brincadeira e do combate. Usualmente, ouvimos a expressão de que a roda é um 'campo de mandinga', o que nos leva a sugerir que o 'campo de mandinga' é uma implicação recíproca das diferenças da arena da brincadeira e da arena de combate.

Se um gesto numa brincadeira de luta fosse idêntico ao seu análogo no combate, a brincadeira logo se tornaria uma luta. Um gesto lúdico tem de assinalar seu pertencimento à arena da brincadeira para não acabar resvalando para fora dela. Por exemplo, se dois filhotes de lobo ao brincar de luta desempenham os movimentos com muita similaridade com o combate, e não em analogia a ele, os parceiros logo se tornarão adversários, com o risco de lesão potencialmente

⁴⁴ Depoimento de Mestre João Grande em documentário sobre sua vida, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q5ifiGZ0nP8>.

⁴⁵ João Pereira dos Santos, conhecido como Mestre João Pequeno (1917-2011), discípulo de Mestre Pastinha, reabre em 1982 o **Centro Esportivo de Capoeira Angola** (CECA) no Forte Santo Antônio Além do Carmo, após a morte de seu mestre. Lá, constitui um novo momento da Capoeira Angola, na qual a mesma se difunde para o mundo. Embora encontrando várias dificuldades para manutenção de sua academia, conseguiu formar alguns mestres e um vasto número de discípulos. Na década de 1990, foi amplamente homenageado: recebeu o título de Cidadão da Cidade de Salvador pela Câmara Municipal de Vereadores, Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Uberlândia e Comendador de Cultura da República pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

⁴⁶ Depoimento de Mestre João Pequeno no documentário sobre a vida de Mestre Pastinha, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-unP_tdBiKI&t=12s.

grave. Um gesto lúdico deve demonstrar, em sua *forma* de execução, o seguinte: “isto é um jogo” (MASSUMI, 2017, p.16).

Se queremos continuar jogando, e não eliminar o Outro, os gestos na arena da brincadeira têm a função de equilibrar a competição com a cooperação. O que está implicado na experiência de ‘frear o pé’, cientes de que nossas experiências vão constituindo um certo tipo de subjetividade em nós?

As situações em que nos colocamos, uns aos outros, pedem que nossos corpos se refaçam e se ‘virem’ para sair delas. O corpo se reorganiza para, da resposta, provocar uma nova pergunta. O que implica, cognitivamente, o desenvolvimento da habilidade em lidar com situações-problema? Segundo Mestre Cobrinha⁴⁷, o que o encantou na relação entre capoeira e permacultura⁴⁸ foi o princípio compartilhado por ambas de que “o problema é a solução”. Conta-nos que quando conheceu a permacultura, pensou: “na capoeira é exatamente isso. O cara te bota em uma situação difícil, e você...”⁴⁹

A questão central que se impõe é o fato de que, no desenvolvimento de nossas habilidades, o importante é trabalhar com o problema, e não contra ele. Trabalhar com a resistência.

⁴⁷ Cinézio Feliciano Peçanha, conhecido na capoeira como Mestra Cobra Mansa ou Cobrinha, é um dos fundadores da FICA (Fundação Internacional de Capoeira Angola). Fundador do Kilombo Tenondé (Valença-BA). Atualmente realiza Doutorado em Educação na área de Difusão do Conhecimento na UFBA, bem como integra o Rede Africanidades - grupo de pesquisa e promoção da Filosofia Africana e Afrobrasileira, da UFBA – Grupo Linha de Kalunga (Filosofia Bantu). Para saber mais: <http://ficamundo.org/> e <http://www.kilombotenonde.com>

⁴⁸ O termo permacultura foi criado na década de 70, pelos ecologistas australianos Bill Mollison e David Holmgren, a partir da observação do modo de vida integrado à natureza das comunidades aborígenas tradicionais da Austrália, revelando um saber que enfatiza uma visão sistêmica de mundo. “As pessoas, suas construções e os modos como elas se organizam são centrais para a permacultura. Assim, a concepção de permacultura como agricultura permanente (sustentável) evoluiu para uma de cultura permanente (sustentável). (...) Para muitas pessoas, eu inclusive, o conceito de permacultura acima é tão global em seu escopo que sua utilidade se reduz. Mais precisamente, vejo a permacultura como a aplicação do pensamento sistêmico e de princípios de design que sirvam de base para a implementação da visão enunciada acima. Ela reúne diversas ideias, habilidades e modos de vida que precisam ser redescobertos e desenvolvidos para nos dar o poder de passarmos de consumidores dependentes para cidadãos responsáveis e produtivos” (HOLMGREN, 2002, p.33).

⁴⁹ Fala do Mestre Cobrinha. Esta conversa aconteceu dia 03 de novembro de 2017, na Casa Jaya (Pinheiros-SP), e foi viabilizada por Geraldo Cotia (Grupo Capoeira Angola Rainha), permacultor e capoeirista que ministra aulas no espaço, com apoio significativo do Treinel Womualy (FICA-SP).

Na luta com a resistência encontrada, ficamos mais atentos ao desejo de nos livrar do problema do que ao empenho de entendê-lo; em contraste, ao trabalhar com a resistência queremos suspender a frustração pelo fato de encontrar um obstáculo, e enfrentamos o problema em seus próprios termos (SENNETT, 2012, p.253).

Em uma oficina ministrada pelo professor Saturnino⁵⁰, em nosso espaço, ele descreveu a metáfora das folhagens de uma árvore que se inclinam a favor do vento. Age com a resistência. Se esquiva do vento quando ele sopra e, quando ele deixa de soprar, retorna, avança. “A aplicação da força mínima é a maneira mais eficaz de trabalhar com a resistência. O erro deve ser tratado como um fato interessante; com isso, o problema acabará sendo resolvido” (Sennett, 2012, p. 254).

Também sobre trabalhar com a resistência e com o problema, Mestre Saudade⁵¹ dividiu conosco suas experiências com a capoeira no Congo e no Haiti, através do projeto Gingando pela Paz. Idealizado por ele, o projeto “objetiva utilizar a capoeira no processo de reinserção de crianças utilizadas por forças e grupos armados”⁵² nestes países, compreendendo a capoeira como uma “tecnologia social”, como ele a descreve. Falou sobre ter um problema bem grande em suas mãos, e não ter a mínima ideia de como fazer.

⁵⁰ Conversas durante a oficina do Grupo Galo Cantô (Uberlândia-MG), no dia 9 de junho de 2018, ministrada na sede do Omoayê. Saturnino Rodrigues Militão (1978), conhecido na capoeira como Saturnino, iniciou-se na capoeira em 1990, na cidade de Araguari (MG). Treinou com Mestre Corisco, com Mestre Guimes em Uberlândia (MG) e com Mestre Guaraná em Goiânia (GO). Desde 2011, ensina capoeira na Associação de deficientes visuais de Uberlândia. Em 2014 funda o Grupo de Capoeira Angola Galo Cantô.

⁵¹ Palestra no espaço Olho da Rua, no Rio de Janeiro (RJ), em 5 de julho de 2018, viabilizada para a comunidade da capoeira por Mestre Ferradura. Flávio Saudade, nasceu em 1977 na cidade de São Gonçalo, Rio de Janeiro. Ativista social, artista plástico, mestre em capoeira teve o seu primeiro contato com o terceiro setor em 1998. Em 2005, iniciou a criação do projeto Gingando pela Paz, iniciativa que utiliza a capoeira para a promoção da cultura de paz em áreas de conflito. No ano de 2008, foi convidado pela Ong Viva Rio para implementar o projeto em Porto Príncipe, Haiti, onde está baseado até hoje. (...)Em 2013 recebeu em Paris o prêmio Esporte e Cultura durante o EDUCASPORT MONDE, considerado pelo jornal *Le Nouvelliste* o fórum mundial do esporte pelas ações do Gingando pela Paz no Haiti. Hoje através do convite da Embaixada do Brasil compõe a equipe de gestão do programa “Capoeira pour la Paix” na República Democrática do Congo. Informações do site: <https://www.chiadowbooks.com/autores/flavio-saudade>. Site não atualizado, mas com o início do projeto: <https://flaviosaudade.wordpress.com/>

⁵² Informações do site: <https://www.chiadowbooks.com/autores/flavio-saudade>.

E falou uma citação de Mestre Bimba, que o ajudou a refletir sobre a situação. Segundo Mestre Bimba, a experiência do jogo na roda de capoeira nos revela como lidar com nossos problemas, pois a roda nos proporciona olhar para um problema a partir de vários pontos de vista. De cada ponto da roda enxergamos o Outro de uma maneira. Existe uma situação, um ‘problema’ em que nos colocamos mutuamente. E cada um tem a oportunidade, através da movimentação pelo espaço e da ginga, de percorrer diversos pontos de vista, diversas óticas para lidar com aquela situação.

Da mesma forma, precisamos nos desligar de um problema, em geral temporariamente, para entender melhor do que se trata e em seguida apreendê-lo de uma nova forma. Hoje, os neuropsicólogos acreditam que a aptidão física e cognitiva de uma pessoa para liberar é que está por trás da capacidade de se livrar de um medo ou obsessão. O ato de liberar também está cheio de implicações éticas, como naqueles momentos em que somos capazes de abrir mão do controle – da pegada – sobre os outros (SENNETT, 2008, p. 172).

Mestre Bimba também dizia, segundo depoimentos de seus alunos, que “recuar também é golpe!”.

Em nosso convívio, no Omoayê, costumamos ouvir de Buí, com frequência, que façamos os movimentos de forma mais relaxada, no sentido de não colocar força excessiva e tensões desnecessárias. “Capoeira é igual na vida, quando a gente faz mais relaxado é bem melhor, tudo fica mais leve”. Também do Fala Mansa ouvi, por diversas vezes, sobre a necessidade de estarmos atentos à distribuição do peso do corpo em nossos apoios, evitando tensões desnecessárias. Claro que nunca de forma estática, pois é sempre um desequilibrar-se e equilibrar-se continuamente.

Em recentes visitas ao Mestre Ratto, o ouvi dizer que o jogo em si não é o mais importante. Pede-nos que fiquemos mais atentos à musicalidade, ao coro, à energia da roda, e não nos limitemos em ficar obsecados no jogo. Sinto que esta fala surge como uma alerta ao jogo apenas virtuoso, muito autocentrado, carregado de obsessão em “pegar” o Outro. Sugerimos conhecer

uma reflexão proposta por Sennett sobre ansiedade e uso da força mínima⁵³, para conversar com a nossa prática da capoeira:

Somente mediante um comportamento com um mínimo grau de autoafirmação podemos nos abrir para os outros - um conceito tanto pessoal quanto político. (...) Experiências sociais dialógicas constituem formas do conhecimento social corporificado. “Corporificação”, aqui, é mais que uma metáfora: tal como fazer um gesto social, comportar-se com força mínima é uma experiência dos sentidos, na qual podemos nos sentir bem com os outros tanto física quanto mentalmente, pois não nos estamos impondo a eles. (...) Fazendo uso da força mínima, tanto física quanto socialmente, podemos nos tornar mais sensíveis ao ambiente, mais ligados a ele, mais envolvidos (SENNETT, 2012, p. 255; 256).

Entendemos que o alerta de Mestre Ratto é importante no sentido de contribuir com a ideia de que, no jogo da capoeira, não há vencedores e vencidos. O que queremos enfatizar é que, nos moldes dialógicos do jogo, em que há a busca de escuta, em que há a manutenção da curiosidade investigativa pelo Outro, em que o tempo de jogo acontece na medida justa para que os parceiros se permitam construir um jogo em conjunto e de forma sensível ao ambiente, o jogo se compõe em uma roda conectada. Os elementos se tornam igualmente fundamentais, tudo se conversa, “pois não nos estamos impondo a eles” (o jogo se impondo aos demais elementos que compõem a ritualidade da roda).

Podemos dizer o mesmo na relação de um corpo com o Outro. Quando nos impomos ao Outro, revelamos nossa necessidade de controle da situação e “o desejo de comunicação murcha quando não há real interesse de ouvir” (Sennett, 2012, p.211). Em uma oficina do Mestre Ferradura⁵⁴, ele nos chamou

⁵³ O uso da força mínima se relaciona com a liberação do movimento, em oposição à força bruta contraproducente na artesanaria do mover-se.

⁵⁴ Fala ouvida no curso Brincadeira de Angola: formação continuada em Capoeira Infantil, no Rio de Janeiro (RJ), em junho de 2018, pelo IBCE (Instituto Brasileiro de Capoeira-Educação). “Mestre Omri Ferradura Breda preside o IBCE e é uma das grandes referências mundiais no campo da *Capoeira-Educação*, ministrando desde 1995 classes regulares para a Educação Infantil em diversas escolas e projetos e sendo continuamente chamado para dar palestras e cursos em Universidades e cursos de formação de professores por todo o mundo. Formado pela Escola de Capoeira Angola do Mestre Marrom – RJ. (...) Seus artigos – [“A capoeira como prática educatica transformadora”](#), [“A Capoeira como prática pedagógica na Educação](#)

atenção para o excesso de “perguntas” no jogo. Nos fez o seguinte questionamento: Será que não estamos perguntando demais e ouvindo de menos? Explicou que vem observando que, antes mesmo do parceiro de jogo “perguntar” algo, já estamos perguntando e respondendo seguidamente, sem nem ao menos escutar o que o Outro nos perguntou. Isso me fez refletir sobre a ansiedade e a necessidade de controle que caracterizam os nossos tempos, e sobre a importância do lugar de fala ‘com’ o lugar de escuta. Pensamos que temos debatido bastante sobre a importância de conquistarmos nossos lugares de fala, mas acreditamos que, sem o exercício recíproco do ouvir, sobem-se os muros. Mestre Ferradura nos deu instruções tais como: esperar mais, receber, observar, antes de perguntar. Perceber o que o Outro está propondo e desenvolver o jogo a partir dali. Habilidades dialógicas...

Tanto Mestre Ratto quanto Mestre Ferradura chamam atenção para o individualismo, para o agir tendo como critério seu próprio eco, o que enfraquece a possibilidade do diálogo e da cooperação, configurando-se como o que Sennett chama de o “eu” que não coopera. “O “eu” preenche todo o espaço da realidade. Uma das maneiras como essa grandiosidade se expressa está na necessidade de se sentir o tempo todo no controle” (Sennett, 2012, p.224). Mas alerta que “as pessoas se fortalecem interiormente ao enfrentar a ansiedade gerada por circunstâncias fora de seu controle” (Ibidem, p.220). E ressalta:

A cooperação não é como um objeto hermético, impossível de recuperar uma vez danificado; (...) suas origens – sejam genéticas ou no primordial desenvolvimento humano – são na verdade duradouras; admitem conserto (Ibidem, p.265).

Segundo Sennett, os rituais têm a potência de nos disponibilizar, no engajamento, a equilibrar cooperação e competição. Todo o ritual, desde os mais cotidianos, como um “bom dia”, aos mais complexos rituais, têm a função

Infantil” e “Capoeira e educação libertaria para a formação de sujeitos autônomos” foram escolhidos pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro para representar a Capoeira no campo da educação”. Informações do site IBCE: <https://capoeiraibce.com/> .

de nos voltar para fora, “livrando-nos de tudo que possa ser autorreferencial” (Sennett, 2012, p. 111), dando ênfase a uma experiência que diz respeito a todos, ao coletivo, à experiência em conexão. “O que quer que sintamos, a força da ocasião depende daquilo que estamos executando” (Ibidem, p.117). Na vivência de uma roda, sua execução gira em torno dos seguintes fazeres: tocar, cantar, bater palmas e jogar. Os envolvidos entram em um terreno compartilhado e expressivo. “Existe uma sutileza sociológica na atenção conferida ao conteúdo, e não a si mesmo” (Ibidem, p.117). A roda em si é organizada de tal forma para que todos possam se olhar. Para que nos dediquemos a observar e a ouvir, a cantar e a responder, a tocar e a jogar, desenvolvendo nossas habilidades em interpretar gestos, versos e toques. O ritual funciona em um processo de impregnação, que vai estabelecendo um padrão de experiência coletiva. Vai ampliando seu significado à medida que é repetido, de gerações em gerações. “Os rituais transformam objetos, movimentos corporais ou palavras inexpressivas em símbolos. A questão em um aperto de mãos é mais do que sentir a pele da outra pessoa” (Ibidem, p.115).

Costumamos falar de “rituais vivos” e talvez queiramos dizer que o passado continua vivo no presente – mas um ritual vivo também envolve o valor de gestos e palavras no presente, por motivos diferentes dos que lhe deram origem no passado: precisamos lidar com um problema imediato ou com uma ausência (Ibidem, p.113).

O autor explica que, enquanto animais sociais, precisamos descobrir, pela experiência, como encontrar o equilíbrio entre cooperação e competição, entendendo este equilíbrio como sempre frágil, sempre movediço. Assim, podemos sugerir que a ritualidade da capoeira, viva no presente, “lida com um problema imediato ou uma ausência”: o problema imediato da intensa competitividade entre nós, estimulado e mantido pelo sistema neoliberal, apoiado na ausência de diálogo e de cooperação em nossas vidas.

Integrando o ritual da roda, em específico na Capoeira Angola, Mestre

Pastinha introduziu as “chamadas” durante o jogo, que são espécies de vocabulários corporais codificados.

A *chamada*, é um momento de quebra e interrupção no andamento do jogo. É um *parentesis* na sucessão de movimentos de ataque e defesa incluindo também a ginga, onde um jogador promove a ruptura dessa dinâmica, “chamando” o outro, e assumindo uma posição estática e de observação. O outro então se aproxima lenta e cuidadosamente, pois pode ser surpreendido com um ataque inesperado daquele que o chamou, até conseguir um contato corporal com este, quando inicia-se então um “bailado” entre os dois jogadores, que se deslocam alguns passos para frente e para trás, sem que seus corpos se “descolem” um do outro. A tensão entre os dois jogadores é visível, pois a qualquer instante, um dos dois pode tentar alguma “mardade” contra o outro. A “chamada” então é interrompida, no momento em que aquele que “chamou”, toma a iniciativa de iniciar novamente o jogo, convidando seu parceiro através de gestos característicos. E o jogo se reinicia (ABIB, 2004, p.142).

Trazemos a chamada para a nossa conversa por um motivo específico. Já ouvi diversas versões da função da chamada dentro do jogo, mas, dentre todas, trazemos uma fala da Mestre Janja⁵⁵ muito pertinente. Segundo ela, a chamada é uma oportunidade de dar uma “mexida” no jogo, no sentido dos jogadores perceberem a dificuldade de diálogo entre ambos e “chamar” o Outro como que convidando a um recomeço. Chamada como um recurso para um diálogo truncado, uma possibilidade dentro do próprio jogo. Chamada como uma forma de equilibrar cooperação e competição.

A musicalidade, na capoeira, fazendo parte do conjunto do ritual da roda, há quem diga que também contribui com esta função em equilibrar cooperação e competição: “O que mais me fascina e me fascinou na capoeira, tenho levantado isso, que é um tipo de atividade que requer uma certa agressividade que é intermediada e controlada pela música” (Jaime Sodré)⁵⁶. Os versos, improvisados ou não, revelam a complexidade das relações que vão sendo tecidas. Através da musicalidade, muitos recados são dados para bons entendedores.

⁵⁵ Fala de Mestre Janja no Chamada de Mulher 2017.

⁵⁶ Fala do historiador Jaime Sodré no documentário Artes da Capoeira – parte 1, produzido pela TVE Bahia, com direção de Josias Neto. Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dBjatmLvT_g.

Sennett aponta o papel do ritual em conectar o pequeno e o grande, através da poesia que o compõe. “Trata-se de um poderoso uso da linguagem, passando do pequeno ao grande, no qual se envolvem todas as pessoas, e não apenas os poetas” (Sennett, 2012, p.114). Os versos na capoeira são poesias com esta capacidade de conexão. “O mundo de Deus é grande, levo numa mão fechada”⁵⁷.

Muitos falam sobre o papel central do berimbau “gunga”, considerado o principal instrumento da roda, nesta conexão com o sagrado.

O berimbau, instrumento utilizado na antiguidade para conversar com os mortos, exerce função primordial no rito representado pela roda de capoeira angola, pois ele é o responsável por estabelecer essa conexão com o sagrado, e com a ancestralidade representada pelo tempo da escravidão, e antes ainda, por tempos remotos e longínquos que remetem à mãe África (ABIB, 2004, p.69).

Mestre Armando⁵⁸ nos fala sobre o gunga como uma grande vela, capaz de acender todas as velas da roda, que somos nós. Quando se acende, vai passando sua chama de um para o outro, sem que nada seja perdido, afinal, ninguém perde nada em acender a vela do outro: você continua com a sua chama acesa e eu também. Assim é o coro dos envolvidos na roda, em que o canto se inicia com quem está tocando o berimbau e vai passando de voz em voz. Neste compartilhamento, nossa chama aumenta e nossas vozes ecoam.

5. Por um Outro menos humano

Na minha academia tem dois João, um se chama cobra mansa e o outro gavião, um joga pelo alto e o outro joga pelo chão (verso de Mestre Pastinha)

⁵⁷ Verso de autoria do Mestre Paulo dos Anjos. José Paulo dos Anjos (1936-1999), nascido em Salvador, foi discípulo de Mestre Canjiquinha.

⁵⁸ Fala de Mestre Armando (CE), no dia 11 de agosto de 2018, em Fortaleza-CE, ao ministrar uma oficina no encontro Tribos, Berimbaus e Tambores 2018, organizado pelo CECAB (Centro Cultural Capoeira Água de Beber).

Quando utilizamos a palavra “Outro”, propomos uma noção bem ampliada de Outro, incluindo os seres vivos, de modo geral, e tudo o que garante a vida na Terra em diversidade. Diante dos desastres ecológicos e afetivos que a sociedade neoliberal vem produzindo, de modo extremamente acelerado, chegou o momento de afirmar que esta pesquisa entende o Outro para além do conceito somente de um Outro humano, visto que os avanços tecnológicos vêm produzindo outros tipos de seres⁵⁹ e, sobretudo, porque a pesquisa entende que todo o *continuum* da vida (o que inclui tudo o que a compõe) é tão constituinte de nós quanto nós mesmos.

A lógica antropocêntrica se solidificou, no mundo ocidental, privilegiando a razão como exclusividade de ‘seres superiores’ (humanos e civilizados). E está bem difícil dizer-se ‘humanos e civilizados’ na presente barbárie que nós, humanos, estamos promovendo no mundo.

Equivocadamente, costuma-se associar progresso à evolução, distorção esta que se instalou no senso comum. Todavia, evolução não é sinônimo de progresso. Melhor seria associar evolução à transformação, para distanciá-la de categorias conclusivas, que desenhavam o que viria a ser melhor ou pior. Se, ao invés da noção de progresso, se trabalha com a do *continuum* da vida, uma linha de continuidade, que se afirma como um processo sempre inacabado, por ser um fluxo inestancável, os resultados conclusivos ficariam abolidos. A espécie humana não pode ser entendida como um ‘resultado’ de um ‘apogeu da complexidade’, pois estudos evolucionistas sustentam que a vida se dá em co-evolução.

Segundo a Teoria Corpomídia, o corpo é uma espécie de “mídia” de si mesmo. Não “temos” um corpo, para o qual se olha de um lugar diferente do que ele ocupa.

⁵⁹ O contexto tecnológico vem produzindo outros tipos de seres, o que inviabiliza falarmos em um Outro somente humano. Para verificar os avanços desta realidade, basta darmos uma breve olhada na quantidade de robôs que já permeia nossa realidade cotidiana.

O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas. É com esta noção de mídia de si mesmo que o corpomídia lida, e não com a ideia de mídia pensada como veículo de transmissão. A mídia à qual o corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão constituindo o corpo. A informação se transmite em processos de contaminação (KATZ e GREINER, 2005, p.131).

Para uma leitura não equivocada, vale explicar que todo corpo, evidentemente, tem um contorno que o delimita, uma pele que o conforma. Há uma taxa de estabilidade naquilo que o delimita, mas também ela continua se transformando, em ritmo lento, difícil de ser notado a olho nu.

Embora corpo e ambiente estejam envolvidos em fluxos permanentes de informação, há uma taxa de preservação que garante a unidade e a sobrevivência dos organismos e de cada ser vivo em meio à transformação constante que caracteriza os sistemas vivos. Mas o que importa ressaltar é a implicação do corpo no ambiente, que cancela a possibilidade de entendimento do mundo como um objeto aguardando um observador. Capturadas pelo nosso processo perceptivo, que as reconstrói com as perdas habituais a qualquer processo de transmissão, tais informações passam a fazer parte do corpo de uma maneira bastante singular: são transformadas em corpo. E como o fluxo não estanca, o corpo vive no estado do sempre-presente, o que impede a noção do corpo recipiente. O corpo não é um lugar onde as informações que vêm do mundo são processadas para serem depois devolvidas ao mundo (KATZ e GREINER, 2005, p.130).

Nesta perspectiva, todo corpo é corpomídia. “Trata-se de instrumento capaz de ajudar a combater o antropocentrismo que distorce algumas descrições do corpo, da natureza e da cultura” (Katz e Greiner, 2001, p.73). E refere-se a qualquer corpo, seja eu, você, uma árvore, um herbívoro ou uma cadeira. Quaisquer desses corpos ‘falam’ deles mesmos, produzem sentido, de modo consciente ou não, porque comunicar não é um privilégio do ser humano. Uma cadeira pode ser macia ou dura e reconhecemos isso, na maior parte das vezes, apenas com o olhar. Porque ela também ‘fala’ dela mesma, comunica. Ela mesma nos ‘conta’ se é confortável ou não. E também uma árvore conta dela para os que sabem lê-la. Assim é um herbívoro. Assim somos nós. E não

somos mediadores de um mundo, no qual as coisas estão ‘para nós’, detentores de privilégios em atribuir funções ao que nos rodeia, como se os corpos não tivessem sua própria existência sem as atribuições que damos a eles. Como se a natureza estivesse parada, aguardando um observador. “Sujeito como observador e natureza como espetáculo a ser observado” (Katz e Greiner, 2001, p.71). Nem tudo gira ao nosso redor, não somos o centro do universo.

Limpar este terreno faz-se indispensável, na medida em que nos inserimos no *continuum* da vida, de forma totalmente horizontal, cada espécie com a sua própria complexidade, sem categorias classificatórias de “mais” ou “menos” evoluídos. Estes podem ser os nossos primeiros passos no combate ao antropocentrismo. Só assim podemos ‘jogar com os que jogam pelo alto e com os que jogam pelo chão’.

A capoeira, com seus possíveis engendramentos em ambientes rurais, tanto ao que se refere aos solos brasileiros quando às suas matrizes africanas, aponta aspectos, em seu modo de operar, que exprimem uma visão não-antropocêntrica de mundo. O convívio e o aprendizado com a diversidade da vida e da natureza revelam-se nas letras das músicas, nos instrumentos, nos apelidos dos capoeiristas, nos golpes, enfim, nos corpos de seus praticantes. Mestre João Grande nos conta:

Treinava cinco horas da manhã, nos matos. Se tinha um pé de moita, jogava com o pé de moita. Pulava pra lá e pra cá... Rabo-de-arraia, tesoura, sapinho... Mesma coisa de uma pessoa... Corta-capim, meia-lua-de-frente, meia-lua-de-costa... Quando soltava os cabritinhos, jogava com eles. Vinha pra dar “marrada” em mim, eu descia. Queria sair, eu não deixava... Pulava pra lá, pra cá... Metia o rabo de arraia nele. Pulava por cima de mim, ia embora... Vinha outro! O único bicho com quem não treinei foi cobra... Treinei não, porque ela mordida. De resto... Treinei com cavalo... O cavalo dava cabeçada, eu saía... O cavalo dava patada, eu saía...⁶⁰

Em sua vivência, para ele o “pé de moita” é “a mesma coisa de uma pessoa”. Cita diversos movimentos da capoeira: “rabo-de-arraia, tesoura,

⁶⁰ Depoimento de Mestre João Grande no documentário Artes da Capoeira (Parte 2), produzido pela TVE Bahia, com direção de Josias Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VC3HuiXw9mU&t=2s>.

sapinho”, “corta-capim, meia-lua-de-frente, meia-lua-de-costa” e “cabeçada”. Nomes estes que fazem referência ao aprendizado em observar o movimento da vida e dos animais, na lida diária com o cultivo:

A capoeira é nascida de bicho... É de macaco, de carneiro... É da maré... A onda vai e vem... Passei minha vida toda na roça, na lavoura, plantando e olhando os movimentos dos bichos... De pássaros, de peixes...⁶¹

Após deixar a lavoura e ter contato com os ensinamentos de Mestre Pastinha, percebeu o quanto seus aprendizados anteriores, na convivência do ambiente rural, se aproximavam da capoeira e revelavam a sabedoria inseparável da natureza e da capoeira. Segundo Achille Mbembe⁶², em **Crítica da Razão Negra** (2018), na composição cosmológica da África Antiga, o intuito era “consolidar sempre mais o campo das relações entre os humanos e os outros viventes com que compartilhavam o mundo” (p. 311).

Foi convivendo e observando os animais em seus ambientes que a capoeira corporifica este tipo de jogo. Não “como se fôssemos” sapo ou arraia, mas vivendo esta lógica de jogo intrínseca da vida em relação. Corporifica, pelo simples entendimento de que fazemos parte deste *continnum*... “Pois, na verdade, existe um só mundo. Ele é um todo composto por mil partes. De todo o mundo. De todos os mundos” (Ibidem, p.310). A capoeira carrega, portanto, esta cosmovisão em sua ancestralidade.

Na África Antiga, o símbolo manifesto da epifania que é a humanidade era a semente que se enfia na terra, que morre, renasce e produz tanto a árvore e o fruto quanto a vida. É, em grande medida, para celebrar as núpcias entre a semente e a vida que os africanos antigos inventaram a fala e a linguagem, os objetos e as técnicas, as

⁶¹ Depoimento de Mestre João Grande em documentário sobre sua vida, realizado pela Capoeira Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q5ifiGZ0nP8>.

⁶² Achille Mbembe, nascido nos Camarões, é professor de História e de Ciência Política da Universidade de Witwatersrand, em Johannesburgo (África do Sul), e professor da Duke University (Estados Unidos). Na contracapa deste livro, podemos ler que o autor “empreende uma reflexão crítica indispensável para responder à principal questão sobre o mundo contemporâneo: como pensar a diferença e a vida, o semelhante e o dessemelhante?” - o que revela a sua importância para a reflexão aqui proposta.

cerimônias e os rituais, as obras de arte e também as instituições sociais e políticas. A semente deveria produzir a vida num ambiente frágil e hostil, no seio do qual a humanidade encontraria trabalho e descanso, mas que ela deveria também proteger (Ibidem, p.311).

Apesar da crescente depredação do vivo, da diversidade da vida e dos recursos naturais que garantem esta diversidade, esta lógica se presentifica nas falas dos mestres, que vêm dando luz ao fato de que a durabilidade, tanto dos humanos quanto dos não humanos, depende do compartilhamento recíproco e mútuo do mundo. “Eu sou uma fruta madura que cai do pé lentamente... Na queda, largo a semente... Procuro uma terra fresca, para ser fruta novamente” (Mestre João Grande).

Enquanto muitos grupos ainda estão longe de refletir conscientemente sobre isto, outros, cada qual da sua maneira, tentam avançar neste entendimento. Podemos dar como exemplo, as células de informações ambientais que o CECAB (Centro Cultural Capoeira Água de Beber) vem divulgando em suas redes sociais. Sabemos que não é muito, diante de tanta devastação, mas é importante divulgar que não diminuem seus esforços em continuar essa ação.

O berimbau é o grande regente na roda de capoeira. Como sabemos, a verga do instrumento é feita de madeira, que é um importante recurso natural. Assim, sua extração deve ser feita com cuidado e respeito à natureza. Então, qual é a melhor forma de extração da madeira para a confecção de berimbaus? O conhecimento tradicional diz que a melhor época para a retirada da madeira para essa finalidade é no período da lua nova e assim procedem muitos capoeiristas. Mas qual seria a razão para isso ser feito nesse período? Uma possível explicação para isso seria que, durante essa fase da lua, existe uma tendência de que a água que circula nos vegetais se concentre nas raízes. Dessa forma, a parte do caule, de onde se extrai a madeira, fica mais seca e, ao ser retirada, tem menos chance de se estragar devido à umidade e presença de água. Evitando, assim, o desperdício do material, um dos grandes inimigos da sustentabilidade⁶³.

Grupos e mestres têm caminhado para tais reflexões por diferentes trilhas. É sabido que a capoeira teve e tem grande expansão e crescente

⁶³ Informações do Instagram do grupo: https://www.instagram.com/p/BnzlrkhnYLc/?hl=pt-br&taken-by=cecab_fortaleza

difusão nas grandes cidades. E nas últimas décadas, tem havido um movimento que se configura com sua prática em áreas não urbanas e/ou voltadas para a busca de formas de vida mais sustentáveis e integradas à natureza. Portanto, percebe-se a permanente preocupação de seus praticantes em informar e agir na contramão das práticas neoliberais de consumo da vida. Estas iniciativas vêm refletindo sobre a cooperação (em suas práticas), através do desenvolvimento de formas autossustentáveis do viver.

Na tese de doutorado de Sara Abreu Machado, **Baobá na Encruzilhada: Ancestralidade, Capoeira Angola e Permacultura** (2016), a autora se volta para algumas experiências de mestres de capoeira nesta empreitada, em busca de alternativas diante dos avanços neoliberais, alinhando a prática de capoeira com práticas ecológicas.⁶⁴

Quando comecei a participar de uma sequência de eventos de capoeira em ambientes não urbanos, percebi que eu estava acompanhando o momento inicial de diversos trabalhos de mestres no Brasil, configurando um movimento de retorno de mestres de capoeira e capoeiristas para o campo – muitos deles de origens de classes sociais menos favorecidas, que saíram do Brasil para ensinar capoeira em países “ricos” e compraram propriedades no Brasil onde promovem eventos e atividades de capoeira e o trabalho com a terra (MACHADO, 2016, p.28).

A autora se volta principalmente para as práticas no Kilombo Tenondé⁶⁵:

O Kilombo Tenondé é um centro de atividades agropercológicas (agricultura, pecuária, ecologia e capoeira angola) que busca resgatar a filosofia e a importância histórica dos quilombos brasileiros. Seu objetivo maior é estimular a criatividade, o pensamento construtivo e

⁶⁴ Sara Abreu é integrante da FICA (Fundação Internacional de Capoeira Angola). Em seu trabalho, podemos encontrar eventos que seguem este caminho (além das iniciativas do Kilombo Tenondé, nas quais ela se debruça), tais como: Permangola Minas e Filosofia Natural no Cerrado, em Minas Gerais; Vivência Ecológica e Capoeira Angola, na Ilha de Itaparica/BA; e Art Angola, no Morro do Chapéu, Chapada Diamantina/BA. Tese disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/20061?mode=full>.

⁶⁵ Fundado pelo Mestre Cobrinha, o Kilombo Tenondé localiza-se no povoado de Bonfim (Valença-BA), em uma área de aproximadamente 40 hectares, que “vem sendo transformada em uma fazenda auto-sustentável”. Informações do site: <http://www.kilombotenonde.com>

os valores de convivência humana e harmonia com a natureza que, cada vez mais vêm sendo esquecidos pela sociedade.⁶⁶

Em janeiro de 2018, estive presente na 11ª edição do evento chamado Permangola, que ocorre anualmente no Kilombo. Idealizado por Mestre Cobrinha (e realizado por muitas mãos), reúne capoeiristas e permacultores do mundo todo. Compreendemos o Permangola como um evento que convida a olharmos para a capoeira de forma integrada com nossas ações, enquanto seres políticos e responsáveis pelo nosso entorno.

A capoeira tá em 160 países... Agora, você imagina: se cada capoeirista começa a reciclar... Ou buscar uma alimentação melhor... Ou então, cuidar um pouquinho do ambiente onde ele vive...(...) Eu acho que nós já íamos conseguir fazer uma grande diferença... Então é isso que eu acredito... Eu só tô fazendo a minha parte, até onde eu posso... O Kilombo, eu quero que seja, como já tá sendo, um campo de experiência.⁶⁷

Cobrinha nos conta sobre o que moveu seu desejo em unir a capoeira angola à permacultura:

Há mais de 15 anos atrás, quando eu comecei a entender o que é permacultura, o que mais me impressionou foram os princípios da permacultura. Um dos princípios é o cuidado com o outro e o observar. Eu pensei: cara, isso é capoeira, né? Você observar e interagir...⁶⁸

É por esta capoeira que “cuida, observa e interage” que escrevemos. É nada como estar no Kilombo Tenondé para perceber o valor do “se cuidar e se observar”, para interagir “cuidando e observando os Outros (no sentido pleno

⁶⁶ Informações do site: <http://www.kilombotenonde.com>

⁶⁷ Fala do Mestre Cobra Mansa no vídeo **O Permangola: Preparando o Futuro**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-uZRquVxSA>

⁶⁸ Esta conversa aconteceu dia 03 de novembro de 2017, na Casa Jaya (Pinheiros-SP), e foi viabilizado por Geraldo Cotia (Grupo Capoeira Angola Rainha), permacultor e capoeirista que ministra aulas no espaço.

do termo aqui descrito)". O Kilombo é um microcosmo de experiência que sabemos ser um grão de areia em um contexto macro de devastação ambiental e interesses predatórios do agronegócio, em que o lucro econômico vale mais que o "cuidar", onde não há tempo cabível para "observar", quando o tempo é dinheiro.

Sai do meu caminho...

Areia (coro)

Eu quero passar...

Areia (coro)

Sou pequeninha

Areia (coro)

Mas eu chego lá

*Areia (coro)*⁶⁹

Enquanto a "bancada ruralista" cresce, indiferente ao aquecimento global, defendendo seus interesses político-econômicos no Congresso, dizimando povos nativos, pequeninas células na capoeira - como o Kilombo -, praticam reflorestamento, bioconstrução e respeito às famílias que moram no local, bem como outras posturas, alinhadas com esta proposta, entendendo tais ações não como um "isolamento", mas como um urgente alerta sobre os modos de vida que hoje praticamos desenfreadamente.

⁶⁹ Música "Ô Areia", de autoria do Mestre Camaleão. "Nascido em Jequié estado da Bahia, teve seu primeiro contato com a capoeira no Bairro chamado Barro Vermelho sertão da Bahia, influenciado por um Tio chamado Dorival de apelido Dori, dono de um jogo criativo solto e de difícil leitura. Mudou-se para o Rio de Janeiro aonde participou das Rodas de Caxias, (...) tendo contato com muitos outros mestres. (...)Um dos Mestres mais leais em jogos de capoeira, medindo meticulosamente seus golpes sempre com cautela evitando machucar os colegas de Jogo. (...) Dono de um dom incrível de uma musicalidade encantadora, sua presença nas rodas é sempre um momento majestoso e de muita energia". Fundou a Escola de Capoeira Filhos de Angola e reside em Marseille (França). Informações do site: <http://www.congodeouro.com.br/conhecamos-mestre-camaleao/>. Para saber mais sobre o Mestre: <http://angolamarseille.free.fr/index.html>

Os trabalhos acontecem organicamente, de acordo com as demandas e possibilidades do espaço e o interesse dos participantes, com base nos princípios da sustentabilidade, agricultura orgânica e construção natural. A prática e a experiência com a natureza nutrem e dão força à nossa linha de trabalho e espírito. (...) Eventos, oficinas e atividades frequentes são realizadas com foco na criação de infraestrutura e modelos de tecnologias alternativas de construção e uso dos recursos de forma sustentável. Com a continuidade dessa infraestrutura no futuro, o objetivo é dar suporte a projetos educativos, artísticos e ambientais, desenvolvidos por integrantes do Kilombo Tenondé ao longo do tempo⁷⁰.

A estadia no Kilombo foi regada pelo consumo de alimentos da região, aproveitando ao máximo dos recursos disponíveis. Um rio, que corre ao longo do terreno, tem regras para ser utilizado, evitando-se, por exemplo, qualquer produto poluente. Banheiros secos. Oficinas de ervas medicinais. Difusão de conhecimentos, tais como técnicas de compostagem e agrofloresta. Informações e consumo das chamadas PANCS (Plantas Alimentícias Não Convencionais). Oficinas de poda, e tantas outras práticas. Tudo isso aliado ao treino diário de capoeira e rodas cheias de energia boa! De lá, se sai, no mínimo, alimentado de esperança em dias melhores. Segundo o Mestre Cobra Mansa, o Kilombo é um espaço para nos fortalecer!

⁷⁰ Informações do site: <http://www.kilombotenonde.com>

Capítulo 2. O desafio do viver juntos nos tempos de hoje

1. Comum

Na realidade, se hoje a questão do comum é tão importante, isso se dá porque ele anula brutalmente as crenças e as esperanças progressistas depositadas no Estado (Dardot e Laval, 2017, p.15).

Diante de um cenário de intolerância das diferenças, territorialização da existência, avanços do fascismo pelo mundo, rejeição da vida à mero “capital humano”, crescimento das desigualdades sociais, apropriação de terras de povos nativos, continuação do extermínio de indígenas e quilombolas, privatização dos serviços básicos, devastações ambientais alarmantes e extração desenfreada de riquezas naturais pelas grandes empresas multinacionais, ainda é possível pensar em algo chamado “comum”? É fato que os modos que vêm regulando nossa existência têm inviabilizado o exercício do comum, o “que nos leva a perguntar se existem ainda forças sociais, modelos alternativos, modos de organização e conceitos que deem esperança de um *além do capitalismo*” (DARDOT e LAVAL, 2017, p.11).

Se a natureza, a cultura e a sociedade são interiorizadas pelo capital como condições imanentes ao seu próprio desenvolvimento, é compreensível que o capital, numa inversão imaginária radical, apareça cada vez mais como condição inevitável e intransponível da vida em todos os seus aspectos, introduzindo com isso o sentimento de que não se pode sair desse “cosmo” (Ibidem, p.144).

Os autores de **Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI** radicalizam o conceito de “comum” enquanto princípio político. Trazem-nos um panorama crítico de como este termo foi tratado por diversos autores, movimentos e momentos históricos, buscando refundar este conceito a partir de novos parâmetros. Parâmetros estes que nos convocam a uma responsabilização de nossa prática na construção do comum. Iluminam o

engajamento no agir e na construção de novas formas de viver coletivamente e o fazer como prática política.

É preciso afirmar que *somente* a atividade prática dos homens⁷¹ pode tornar as coisas comuns, do mesmo modo que *somente* essa atividade prática pode produzir um novo sujeito coletivo (ibidem, p. 53).

Após o conjunto de reflexões sugeridas no capítulo 1, podemos dizer que entendemos a capoeira como uma cultura política porque põe em comum saberes e partilha competências, funda suas práticas em espaços democráticos de autogoverno, e desenvolve ações, na imensa maioria das vezes, não dependentes do Estado para a sua existência. Claro que a capoeira também tem buscado seus espaços dentro do assim chamado “mercado” e de editais governamentais (pois precisamos sobreviver), mas, nem de longe se limita a isto. Está para além desta dependência, pois, ao longo de toda a sua história, pouco pôde contar com ela. Pelo contrário, foi à margem que a capoeira construiu e constrói cotidianamente seus laços de fortalecimento. Podemos dizer, assim, que a capoeira, em co-atividade, constrói continuamente o comum pela prática dos que a integraram e a integram.

A atividade humana é sempre co-atividade e coobrigação, cooperação e reciprocidade. (...) O comum deve ser pensado como co-atividade, e não como copertencimento, copropriedade ou copossessão. (...) O comum no sentido em que o compreendemos não define a priori um tipo de homem – psicológico ou social - independentemente da atividade prática dos próprios indivíduos (DARDOT e LAVAL, 2017, p. 52; 55).

Mas sabemos que os obstáculos, em todos os ambientes sociais, são infindáveis, e a “atividade prática dos próprios indivíduos” tem se voltado não

⁷¹ Faz-se necessário explicar, para evitar equívocos, que os autores não utilizam o termo “homem” referindo-se apenas ao sexo masculino, mas utiliza-se de um vocabulário que constitui nossa língua para referir-se a todas e todos nós, humanos.

para o comum, mas para si mesmos. Para todo lado que se olhe, a prática coletiva se mostra insustentável. Em **A Nova Razão do Mundo** (DARDOT e LAVAL, 2016), os autores discutem que o que está em jogo, na sociedade neoliberal, é a construção de uma nova subjetividade, uma “subjetivação contábil e financeira”. Apresentam o neoliberalismo como sendo uma nova ‘racionalidade’, ou seja, um jeito de pensar a vida em todas as dimensões de nossa existência, baseado no exacerbamento da competição.

Com o neoliberalismo, o que está em jogo é nada mais nada menos que a forma de *nossa existência*, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros, e com nós mesmos. O neoliberalismo define certa norma de vida nas sociedades ocidentais e, para além dela, em todas as sociedades que as seguem no caminho da “modernidade”. Essa norma impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada (DARDOT e LAVAL, 2016, p.16).

O contexto neoliberal, no qual a norma é a competição, unido às práticas que viemos desenvolvendo nas redes sociais e com as novas formas de comunicação, torna explícito como estamos constituindo nossas subjetividades. Sujeitos no mundo voltados para si mesmos, com ações que revelam o não envolvimento com o Outro, limitados a clicar aqui e ali, a se autoapresentar aqui e ali, como se este tipo de comportamento substituísse o engajamento na construção do comum. Afinal, o que é cooperar e dialogar, hoje, nas novas formas de comunicação que temos praticado?

É fato que temos confundido partilha de informações com comunicação, e isso tem interferido diretamente no modo como cooperamos ou pensamos estar cooperando. “A partilha de informações é um exercício de definição e precisão, ao passo que a comunicação tem tanto a ver com o que não é dito quanto com o que é dito; a comunicação explora o reino da sugestão e da conotação” (Sennett, 2012, p.42). Utilizamos amplamente (nas redes e nos dispositivos comunicacionais) o verbo “compartilhar” para referir a algo que o verbo não exprime. Compartilhar refere-se ao ato de “pôr com”, e isso não é o que a prática da partilha de informações faz. Na partilha de informações, enviamos algo a partir de um desejo nosso, que não é de fato “compartilhado”.

Nesta prática, a pressa prevalece e o visual predomina. “A partilha de informações remove a expressão. (...) Abrir mão do contexto não raro significa também abrir mão do sentido; o entendimento entre as pessoas encolhe” (Ibidem, p.42).

Percebendo a relevância em identificar a presença da tecnologia em nossas vidas e as consequências do que ela tem feito conosco no que toca ao comum, vamos propor a seguinte reflexão. Entendemos que não temos desenvolvido um pensamento crítico sobre o modo como a tecnologia vem modificando nossas vidas e que acompanhe a velocidade com que ela avança. Esta pesquisa, sem propostas apocalípticas, está alerta para a urgência que o tema convoca. Pois, “(...) quando a coisa acontece na cognição, altera o jeito de olhar o mundo. Hábitos cognitivos, porque são característicos do corpo, manifestam-se no comportamento, em cada uma das atitudes que se toma”⁷² (KATZ, 2015).

2. A auto-autorização como um modo de viver

Quem treina a comandar o mundo a partir dos seus desejos quando está on line, termina adotando o mesmo comportamento quando está off line, porque o corpo que faz uma coisa é o mesmo que faz a outra (Katz, 2016).

Com a tecnologia desenvolvendo-se de modo acelerado e as redes sociais tão presentes em nosso cotidiano, muita coisa tem mudado no modo como nos relacionamos com o Outro. Cabe refletir sobre o viver juntos nos tempos de hoje, em um contexto onde as práticas que desenvolvemos no viver *on line*, passaram a se misturar com os modos de viver *off line*.

Partimos do entendimento de que o ambiente comunicacional, hoje, mistura a vida *on* com a vida *off line* (KATZ, 2015). Passamos tanto tempo conectados diante das telas (celulares, computadores, tablets etc.), que já não é mais possível estabelecer uma fronteira entre estes dois mundos. E nossas

⁷²Disponível em: <https://www.select.art.br/o-corpo-e-os-novos-habitos-cognitivos/>. Acesso em: 28.mar.2018

práticas *on line* deixaram de se restringir aos momentos de contato com as telas.

Este modo de viver gesta hábitos cognitivos que não ficam retidos somente ao momento das práticas digitais, pois migram para os contatos presenciais e produzem formas de sociabilidade com as quais ainda estamos nos familiarizando (KATZ in ANDA, 2017).

É o mesmo corpo que passa horas se auto-autorizando a postar, compartilhar, seguir ou curtir o que quer, e a deletar tudo o que não lhe agrada, que vai realizando as suas outras atividades diárias nesse mesmo tipo de prática, ou seja, lidando com seus próprios ecos e sempre em torno de si mesmo. Carregando modos de existir *on line*, passamos a agir na vida da mesma maneira com que nos comportamos nas redes. Práticas do viver *on line* vão escorrendo para outras esferas da vida. E as fronteiras entre essas esferas borram-se continuamente nestes atravessamentos, revelando importantes mudanças nos hábitos cognitivos que nos constituem.

No convívio com as telas, temos desenvolvido hábitos cognitivos novos. Estamos mais impacientes, mimados e intolerantes, e muito mais acostumados a ouvir a nossa própria voz dizendo o que é e o que não é, o que vale e o que não vale (KATZ, 2016)⁷³.

Desejamos uma vida cada vez mais prática e somos atendidos por recursos tecnológicos cada vez mais sofisticados para provê-la e, ao mesmo tempo, não cessar de produzir novas demandas por novos dispositivos, em um fluxo de co-alimentação. “Agora somos nós – e não mais somente as instituições – os agentes dessa docilização. Estado, ciência, capital e mídia se materializam em nós, dissimulados no hedonismo, no consumo desenfreado que nos guia” (KATZ, 2010, p.25).

⁷³ Arquivo disponível em: <http://www.portalanda.org.br/anaisarquivos/6-2016-2.pdf>

É visível que a sociabilidade tem sofrido grandes mudanças com a crescente diminuição dos contatos presenciais. À medida que restringimos nossos encontros presenciais, pela facilidade em que somos atendidos pelas práticas que se dão *on line* e pelo crescimento desenfreado do modo de vida urbano (mudanças no modo de trabalhar, sucateamento dos espaços públicos e etc), as habilidades que só a presença proporciona vão se enfraquecendo, por não serem exercitadas. Ou seja, sem praticar a convivência, deixamos de treinar os hábitos cognitivos que são específicos do conviver, dentre os quais está a aptidão para lidar com a diferença - habilidade importante para a possibilidade de uma vida cooperativa.

Quando nos deparamos com o Outro, não conseguimos manejar este encontro só a partir do que queremos, na hora em que queremos. Não conseguimos deletar o Outro, que nos desafia ao não se submeter ao nosso comando pleno – tal como ocorre no mundo *on line*. Não sabemos o que o Outro vai falar ou fazer. Não temos controle sobre o que pensa, sobre como nos vê, ou mesmo como se vê. E a convivência desestabiliza a noção que temos de nós mesmos, pois passamos a ser aquele que o olhar do Outro nos devolve.

A internet surgiu acompanhada da promessa de que poderíamos ter acesso a “muitos mundos”, conhecer pessoas diferentes e ampliar nosso diálogo. Mas basta darmos uma breve olhada em quem são nossos “amigos” no Facebook ou na lista de pessoas que “seguimos” no Instagram para percebermos que continuamos em nosso próprio quintal, e que nos relacionamos cada vez mais com os próximos, com aqueles que pensam parecido conosco, que gostam e que não gostam de coisas assemelhadas com as que gostamos ou desgostamos. E nesse “quintal”, travamos batalhas de “achismo” com nossos “vizinhos”. Nas redes sociais, cada um expõe, da maneira que lhe convém, suas ideias como verdades absolutas, sem necessidade de apresentar argumentos, dados ou fatos que as sustentem. Pior: para fingir que se trata mesmo de uma notícia confiável, alguns fabricam dados para dar credibilidade ao que desejam disseminar, seja o que seja. Essa prática vai na direção contrária do diálogo, que pressupõe uma troca de ponderações distintas, e configura que a crescente dificuldade em ouvir, refletir

e responder parece haver se tornado a marca dos nossos tempos.

Nos encontros presenciais, não acontece de outro modo. Neles, reproduzimos os hábitos desenvolvidos no viver *on line*. De cabeça abaixada, cada um dobrado sobre si mesmo, ocupado com o celular, onde quer que esteja, o encontro com o Outro ocorre cada vez menos, pois agora, ele entra cada vez menos no campo do nosso olhar. E sem esse tipo de convivência cotidiana, encontrar com quem não se conhece ou que pensa diferente vai rareando a ponto de nos desabilitar para este indispensável exercício. E como reconhecer o Outro em sua diferença requer um tempo que já não mais nos dispomos a “gastar”, temos optado pela facilidade em encontrar com quem e o que já conhecemos. Nos cercamos daqueles que sabemos que concordam com nossas ideias, e as relações vão se destituindo de complexidade e das divergências que promovem a possibilidade do diálogo.

Além de motivos materiais e institucionais, as forças culturais militam hoje em dia contra a prática da cooperação exigente. A sociedade moderna está gerando um novo tipo de caráter. É o tipo de pessoa empenhada em reduzir ansiedades provocadas pelas diferenças, sejam de natureza política, racial, religiosa, étnica ou erótica. O objetivo da pessoa é evitar qualquer sobressalto, sentir-se o menos estimulada possível por diferenças profundas (Sennett, 2012, p.19).

Uma das consequências é a ocorrência de uma espécie de guetificação, que segue no sentido oposto ao da complexidade. E, como sabemos, não é possível colocar questões complexas em “caixas” que se encerram nelas mesmas. “Caixas fechadas” tendem a não comportar o exercício das experiências de diferenças e, sem ele, o nosso desenvolvimento social, afetivo, político e ético fica comprometido pelo empobrecimento.

A crescente prática de auto-autorizar-se parece estar ‘desabilitando’ uma outra prática, a do conviver (e a do aprender na convivência) com as dificuldades e necessidades de acordo que tecem as relações. Sem este exercício, entende-se como a redução ao “curtir” e ao “não curtir” termina gestando um ambiente propício ao florescimento da polarização, que agora se espalha pelo mundo. Sentimo-nos convocados a opinar sobre qualquer assunto

e nos auto-autorizamos a fazê-lo, como se fossemos especialistas em tudo e qualquer coisa. Não mais sabemos lidar com os conflitos que a divergência de entendimentos promove, por isso, não mais conseguimos discutir (no sentido pleno do termo) política ou religião, por exemplo, fora do terreno dos preconceitos.

Quando se elege o eco como critério para relacionamentos, vem junto o não mais praticar as habilidades cognitivas que o embate de ideias desenvolve. Cada qual passa a se autoapresentar como quer, montando/desmontando o seu círculo de convívio ao sabor da maior ou menor adesão ao eco que repete apenas o que se deseja ouvir. Fora disso, está a incompreensão do que digo, do que gosto, de quem sou – com a qual não convivo (Katz, 2016).

Voltados apenas para nós mesmos, lidando simplesmente com o que queremos ou gostamos, o que nos fará ir ao encontro do Outro? O que nos fará desenvolver uma visão crítica a respeito de nossas ações? Se sujeitos e mundos existem em um relacionamento de trocas constantes, como propõe a Teoria Corpomídia, e ambos vivem as mudanças promovidas pelos novos hábitos cognitivos que agora nos constituem, o que fazer para não perdermos as práticas do diálogo e das discussões que irrigam os ambientes que abrigam a diversidade, atividade indispensável para a manutenção da vida? Como evitar que prevaleça a tendência que fortalece os guetos de iguais que se ecoam?

A tecnologia simula um mundo democrático e ético. Parece que todos têm o mesmo direito de usar a sua voz – o que não ocorre, pois o uso da tecnologia já traz, implícito, uma “linha de corte social”, uma vez que implica em condições de acesso que não são igualitariamente distribuídas na sociedade. Nesse caso, por exemplo, se depende do acesso à eletricidade, banda larga, fibra ótica, quantidade de gigabytes etc, e da modernidade dos equipamentos também.

O século XXI inaugurou-se com um crescente interesse para substituir a “politização da vida” pela “vitalização da política” (...) Não faz muito tempo, descobrimos que a internet não era o espaço horizontal de comunicação e emancipação que nos havia sido anunciado, mas sim uma ameaça totalitária. (...) Redes sociais

desenvolvem relações cognitivas a partir de um conceito de pessoa que vem restringindo o conceito de cidadão. Temos desenvolvido outras práticas de convívio em sociedade, e não podemos deixar de situar que tudo isso acontece, no nosso caso, em um país de traços coloniais (KATZ, 2015, p. 252-254).

Como a opinião de cada um é exposta, ela acaba tomando o lugar da fala apoiada em argumentos, e a voz estruturada em “achismos” vai ocupando o lugar que seria da fala com conhecimento de referências sobre aquilo que está sendo falado. Vamos esquecendo a diferença entre opinião e conhecimento, vamos esquecendo a importância de escolher, em conjunto, os critérios éticos que sustentarão uma sociedade “mais justa”. Movidos apenas pelo desejo de dar opinião, vamos publicando para ter alguma visibilidade e alcance, e gostamos de nos iludir que estarmos participando de uma construção política conjunta. Porém, estamos apenas consolidando a percepção enganosa de que agora vivemos em uma sociedade transparente, na qual tudo está “às claras” e então, finalmente, estamos tendo acesso aos “meandros da política”, que antes estavam velados. E nem nos damos conta de que a “sociedade da transparência” (Chul Han, 2017) não se limita ao ambiente da política institucionalizada.

Nos dias atuais, não há mote que domine mais o discurso público do que o tema da transparência. Ele é evocado enfaticamente e conjugado, sobretudo com o tema da liberdade de informação. A exigência de transparência, presente por todo lado, intensifica-se de tal modo que se torna um fetiche e um tema totalizante, remontado a uma mudança de paradigma, que não se limita ao âmbito da política e da sociedade. (...) Quem relaciona a transparência apenas com a corrupção e liberdade de informação desconhece seu real alcance. Ela é uma coação *sistêmica* que abarca todos os processos sociais, submetendo-os a uma modificação profunda. (...) A coerção por transparência nivela o próprio ser humano a um elemento funcional de um sistema. Nisso reside a violência da transparência (CHUL HAN, 2017, p. 9; 13)⁷⁴.

⁷⁴ Byung-Chul Han, pensador coreano radicado na Alemanha, propõe análises críticas sobre a sociedade neoliberal nestes três livros: **A Sociedade do Cansaço** (2015), **A Sociedade da Transparência** (2017) e **Agonia do Eros** (2017).

Na sociedade da transparência, o corpo, “um elemento funcional de um sistema”, é tratado como capital, e as relações que estabelece, como acordos de interesses, baseados no lucro e na produtividade. Assim, é importante ressaltarmos que somos treinados, todos os dias, a disputar com e tentar vencer o Outro (que nos ameaça com a possibilidade de conquistar antes o que desejamos), e isso nos coloca, a todos, nas práticas do des/encontrar, imersos que estamos em um mar profundo de competitividade.

Nesse ambiente, a intensa conectividade que o amplo uso das redes sociais e de tecnologias, cada vez mais sofisticadas, promove, tem atuado como mais uma forma de controle dos corpos, com muita força para despotencializar nossas ações com o Outro. Produz novas necessidades, transforma comportamentos, modifica nossa lógica existencial e nossos fazeres.

3. Enfraquecendo o traço evolutivo da cooperação

Estamos perdendo as habilidades de cooperação necessárias para o funcionamento de uma sociedade complexa (SENNETT, 2012, p.20).

Importante lembrar que todas as tecnologias alteraram, alteram e alterarão nosso modo de viver.

O dispositivo tecnológico não é simplesmente um objeto exterior ao processo de produção, uma ferramenta que apenas viabiliza tecnicamente o fazer, ficando externa a ele, pois sua materialidade adentra naquilo que produz de forma estruturante. É a confirmação de que as trocas de um corpo (humano) com outro corpo (o da máquina) são trocas com transformação, e, o que lhe parece ser apenas exterior (os equipamentos), se ‘carnificam’ em corpo (KATZ, 2015, p.246).

Propomos um breve piscar de olhos no passado. A pedra lascada, a pedra polida e a utilização dos metais (período conhecido como pré-história)

transformaram os corpos com os usos de cada uma dessas novidades, que, ao se transformarem, também mudaram os ambientes ao seu redor. Tomando essa como a lógica que prevalece na relação corpo-inovações-ambiente, podemos avançar alguns milhares de anos e lembrar, por exemplo, o que aconteceu com o surgimento da imprensa (primeira metade do século XV), da locomotiva (início do século XIX), da fotografia (segunda década do século XIX), do rádio (fim do século XIX), e da televisão (segunda década do século XX), por exemplo.

Em **¿Por qué cooperamos?** (2009), o autor Michael Tomasello argumenta que, entre nós, seres humanos, opera uma evolução cultural acumulativa, o que significa que os artefatos que desenvolvemos adquirem maior complexidade ao longo do tempo. Quando um indivíduo cria alguma ferramenta, apropriada pra determinada circunstância, logo é aperfeiçoada por outro indivíduo, a partir do que foi produzido pelo primeiro. Esta característica acumulativa da evolução cultural, ele chama de “trínquete cultural”, que se dá a partir do desenvolvimento de comportamentos e artefatos de modo a instalar “cada versão no repertório do grupo”, assegurando “sua vigência até que alguém encontre algo mais inovador e mais útil” (p.13)⁷⁵. E assim, os avanços tecnológicos seguem seu curso ininterrupto, onde cada descoberta é uma preparação para a outra, que logo virá...

Cabe lembrar que as transformações não se limitam ao corpo, pois também a máquina virá a ser modificada. A continuidade do contrato do corpo com aquilo que passa a usar com frequência promove novos hábitos cognitivos, e as novas habilidades que foram conquistadas pedirão novos equipamentos. Isso ocorre porque corpo, movimento e cognição se relacionam. (...) Tudo o que vamos vivendo nos modifica. E a força do espiralamento permanente entre corpo e ambiente vai produzindo novas necessidades, que nos impulsionam a inventar o que é necessário para atendê-las. A percepção deste espiralamento é fundamental para que se compreenda que isso que a internet faz hoje conosco pertence à história evolutiva dos instrumentos que fomos inventando e que nos foram moldando. É também desta estreita relação de codependência entre corpo e ambiente que todas as mídias foram e continuam a ser descobertas/ inventadas/ produzidas/ exploradas (KATZ, 2015, p.247-249).

⁷⁵ Tradução nossa. “(...) cada versión en el repertorio del grupo” e “ su vigencia hasta que alguien encuentra algo más novedoso y más útil”.

E, embora pareça incoerente, principalmente no ambiente de extrema competitividade em que vivemos hoje, Tomasello afirma que o melhoramento dos artefatos é um resultado provisório das enormes tendências cooperativas da nossa espécie. O autor e uma equipe de pesquisadores, a partir de métodos comparativos entre nossos antepassados mais próximos, primatas superiores, e crianças em fase inicial de desenvolvimento, debruçam-se em investigar a natureza da cooperação.

A questão que interessa para nossa argumentação aqui é que, se nossos parentes mais próximos entre os primatas – incluindo aqueles cujo contato com seres humanos foi mínimo – têm atitudes de colaboração parecidas com as nossas, esta circunstância é uma prova de que o comportamento altruísta dos seres humanos não é produto do ambiente cultural que nos caracteriza (Ibidem, p.31-32)⁷⁶.

Esta pesquisa entende as formas cooperativas dos animais humanos como relativas à sua complexidade, tal como sucede na relação da complexidade de outros tipos de sujeitos com as formas de cooperação que desenvolvem. O gene para a cooperação parece ser um traço decisivo na evolução. Segundo o autor, o que nos diferencia dos nossos parentes mais próximos é nossa descendência em grande número, o que revela que desenvolvemos formas adaptativas mais eficientes, garantindo a sobrevivência através de artefatos e comportamentos, colocando a cooperação como um fator de extrema importância no *continuum* da vida.

Sennett (2008, 2012) também ressalta o traço evolutivo da cooperação como inerente aos seres sociais.

A cooperação pode ser definida, sucintamente, como uma troca em que as partes se beneficiam. Esse comportamento é imediatamente identificável nos chimpanzés cuidando uns dos outros, em crianças

⁷⁶ Tradução nossa. “La cuestión que interesa para nuestra argumentación aquí es que, si nuestros parientes más próximos entre los primates – incluso aquellos cuyo contacto previo con seres humanos fue mínimo – tienen actitudes de colaboración similares a las nuestras, esa circunstancia es una prueba de que el comportamiento altruista de los seres humanos no es producto del ambiente cultural que nos caracteriza” (Tomasello, 2012, p. 15).

construindo um castelo de areia ou em homens e mulheres juntando sacos de areia para impedir uma inundação. Imediatamente identificável porque o apoio recíproco está nos genes de todos os animais sociais; eles cooperam para conseguir o que não podem alcançar sozinhos (ibidem, 2012, p. 15).

Tomasello argumenta que um dos grandes debates da civilização ocidental, há tempos, é se nascemos com tendências cooperativas ou aprendemos a cooperar. Para Tomasello, “como acontece com todos os grandes debates, há algo de verdade nas duas posições” (2009, p. 23)⁷⁷.

Para os pais que pensam que seu filho pode ter pulado a etapa cooperativa, direi que falo aqui de um comportamento cuja importância se mede em comparação com os outros primatas. Todos os organismos vivos devem ter algum traço egoísta; devem preocupar-se com sua própria sobrevivência e bem-estar, pois, ao contrário, não deixariam muitos descendentes. Portanto, de alguma maneira, o desejo por cooperar e ser útil descansa sobre bases egoístas (ibidem, 2012, p. 25)⁷⁸.

As “bases egoístas” que o autor cita se referem à competição no sentido evolutivo do *continuum* da vida, abarcando todas as espécies vivas. Aproveitamos para fazer uma importante ressalva quanto à afirmação, bastante usual, de que o animal humano é competitivo por natureza. Afirmar que somos competitivos desde sempre, acaba por desconsiderar a necessidade de discernir ‘competição’, enquanto traço evolutivo pela sobrevivência, e ‘competitividade’, enquanto ações que visam à eliminação do Outro. “Essa norma de concorrência não nasce espontaneamente em cada um de nós como produto natural do cérebro: não é biológica, é efeito de uma política deliberada” (DARDOT e LAVAL, 2017, p. 12). Portanto, esta competitividade, que hoje está

⁷⁷ Tradução nossa. “Como sucede con todos los grandes debates, hay algo de verdad en las dos posiciones”.

⁷⁸ Tradução nossa. “Para los padres que piensan que su vástago pudo haberse saltado la etapa cooperativa, diré que hablo aquí de un comportamiento cuya importancia se mide en comparación con los otros primates. Todos los organismos viables deben tener algún rasgo egoísta; deben preocuparse por su propia supervivencia y bienestar porque, de lo contrario, no dejarán demasiados descendientes. Por decirlo de alguna manera, el afán por cooperar y ser útil descansa sobre esos cimientos egoístas” (Tomasello, 2012, p. 25).

tão exacerbada, está esvaziada do sentido evolutivo da competição.

Além da imbricação entre organismo e meio (natureza e cultura) no desenvolvimento de qualquer ser vivo, para Brian Massumi (2017), muitos estudos já vêm problematizando a competição como um fator preponderante em busca da sobrevivência.

A lei da competição teve de se curvar perante uma saudável dose de cooperação, cujas contribuições cruciais para a evolução são agora amplamente conhecidas, com a simbiose sendo aceita como a origem da vida multicelular. Em vista desses desenvolvimentos, colocar a simpatia em igualdade de condições com a agressão como um fator na natureza não é mais algo impensável (Ibidem, p. 9).

E Sennett nos lembra:

Minha tese não se baseia na nostalgia de um passado mágico em que as coisas pareciam inevitavelmente melhores. A capacidade de cooperar de maneiras complexas está enraizada, isto sim, nas etapas mais iniciais do desenvolvimento humano; essas capacidades não desaparecem na vida adulta. E esses recursos de desenvolvimento correm o risco de ser desperdiçados pela sociedade moderna (SENNETT, 2012, p.20).

Sabemos que corpo e ambiente transformam-se mutuamente, em um processo no qual não nos encontramos passivos, mas co-implicados, e assim, com os usos que fazemos de tecnologias que nós mesmos desenvolvemos, também se transformam as formas de relações coletivas entre nós. E, inevitavelmente, faz-se necessário desenvolver um pensamento crítico sobre as tecnologias que utilizamos amplamente hoje. Porém, o que se impõe como questão central não é apenas perguntarmos o que temos feito com as tecnologias que viemos desenvolvendo, mas o que elas têm feito conosco no que toca às “enormes tendências cooperativas da nossa espécie” (Tomasello, 2009).

“O que está agora em jogo são as nossas novas capacidades adaptativas, que apontam para mudanças importantes no campo da comunicação, da ética, da política e da cultura” (Katz, 2015, p.248). Se o traço

cooperativo foi e é tão fundamental para o nosso desenvolvimento, que tipo de animais seremos, na medida em que caminhamos, cada vez mais, para o enfraquecimento deste traço evolutivo, quando quase já não mais consideramos a cooperação em nossas relações? Para onde caminham “mudanças importantes no campo da comunicação, da ética, da política e da cultura”?

Podemos perceber, neste exato momento em nosso país, um eco do que ocorreu com as eleições norte-americanas recentes, a partir do disparo em massa de *fake news*⁷⁹. São necessárias investigações sobre o alcance e extensão dos danos produzidos neste cenário, para que a democracia sobreviva. Afinal, como estamos vendo, a disseminação continuada de notícias falsas, vai construindo a ética, a política e a cultura das sociedades. O discurso é da transparência, mas o que vamos consolidando é a obscuridade sombreando tudo o que não combina com o pensamento a favor do que se deseja disseminar. Em todo o mundo, se descobre uma espécie de potência bélica, nas nossas práticas *on line*, que escorrem inevitavelmente para a vida *off line* e vice-versa, pois, como já explicamos, vidas *on* e *off line* não podem mais ser compreendidas separadamente.

Apesar de preocupante, o quadro demonstra também a existência de forças diferentes dessas, interessadas em promover uma experiência mobilizadora e vinculante do comum para curar as feridas da intolerância que a nossa sociedade insiste em continuar reproduzindo.

⁷⁹ Para compreender melhor sobre tais tecnologias e manipulação na última eleição presidencial do Brasil: <https://www.youtube.com/watch?v=liQWlgP3-x4&feature=youtu.be>

Proposições para futuras continuidades

Após as reflexões apresentadas no Capítulo 2, torna-se explícito que o jogo neoliberal aposta na competição, com regras que se impõem a nós, e que nos impomos a nós mesmos, nas quais a máxima é “cada um por si”. Claro que a capoeira não está ilesa à força destas regras, pois, como já foi possível compreender, não há como separar o “jogo de dentro” do “jogo de fora”. A “pequena roda” convive no mesmo ambiente gestado na “grande roda”, e o fluxo da troca de informações é inestancável. Porém, a capoeira tem sua existência também na constante desestabilização do jogo neoliberal, o que buscamos enfatizar no primeiro capítulo. Por mais que encontremos, abaixo da divulgação de uma roda no Facebook, a frase “não poderei ir, mas faz uma *live!*”⁸⁰, o convívio, o respeito à sabedoria dos mestres, dos nossos antepassados e do *continuum* da vida, o exercício do diálogo, a ritualidade e a lógica da brincadeira insistem em permanecer.

Pudemos perceber que o modo como a capoeira se organiza tem maneiras próprias de gestão da competitividade. Voltando-nos para a prática do “jogo de dentro”, para as gingadas com atentas escutas de convívio, observamos os modos operantes da capoeira e sua potência em contribuir com discussões sobre diálogo e cooperação que não se limitam à prática específica da capoeira, pois não contribuem com nossas relações apenas no jogo.

Como já dito, nossas subjetividades vão se constituindo a partir de nossas experiências com os Outros. E o desenvolvimento de nossas habilidades não se reduz ao aprimoramento de uma capacitação física, pois está intimamente relacionado com a autoconsciência e a reflexão. Conquistar a aptidão em plantar bananeira não é apenas ficar confortável em um movimento de inversão ou aprender a cavar o solo. Pode ser também um modo de olhar a vida por uma outra perspectiva. Aprimorar nossa capacidade de “frear o pé”, talvez nos ajude a refletir sobre até onde podemos ir em nossas relações, antes que soe o alarme da integridade física, afetiva, simbólica do Outro. Praticar um “hábito cortês” é mais do que “dar a vez ao outro”, é dar as mãos, é

⁸⁰ *Live* é um recurso, também presente no Facebook, através do qual é possível assistir ao vivo a transmissão de um evento.

dizer que estamos juntos, é dizer que o jogo só vai ser bom para mim se for bom para você também. É dizer que no jogo da vida não queremos deixar ninguém para trás.

Pudemos observar também algumas regras do “jogo de fora”, conectadas em rede de ação sobre a vida: extrema competitividade, discurso da transparência como coação sistêmica dos indivíduos, a auto-autorização como um jeito de viver e enfraquecimento da cooperação.

No “campo de mandinga”, as regras do “jogo de dentro” não admitem transparência. O campo é recheado de mistérios, de faz de conta, de “se eu fizesse isso”, de “cantei um verso, quem pescar, pescou...”. “Só a máquina é transparente; a espontaneidade – capacidade de fazer acontecer – e a liberdade, que perfazem como tal a vida, não admitem transparência” (CHUL HAN, 2017, p.13).

No exercício dialógico, podemos nos eximir do peso que a necessidade de controlar o Outro e a situação causa em nós. Assumimos a beleza da parcela imprevisível da vida e dos Outros.

Obviamente, entre as pessoas há um fosso divisor. Desse modo, torna-se impossível criar uma transparência interpessoal. Tampouco ela é algo desejável; é justamente a falta de transparência do outro que mantém viva a relação (CHUL HAN, 2017, p.14).

O comum, como uma construção prática, pede de nós que olhemos para nossos fazeres no que toca ao coletivo, para além das amarras e burocracias do Estado. A capoeira, enquanto uma comunidade aberta, em co-obrigação e co-atividade, está atenta para esta construção através dos seus modos operantes. “Há na sociedade formas coletivas de entrar em acordo e criar regras de cooperação que não são redutíveis ao mercado e ao comando estatal” (DARDOT e LAVAL, 2017, p.159).

Para nós, esta pesquisa abriu um campo vasto de possibilidades e janelas a serem exploradas. Pensamos que podemos dar continuidade ao que aqui se iniciou adentrando em bibliografias dedicadas aos avanços das ciências cognitivas, para contribuir de forma mais aprofundada com o

conhecimento de como o corpo funciona e aprende na relação “com”, o que acreditamos ainda não ser tão estudado no campo da capoeira.

Por ora, desejamos que as proposições reunidas ajudem a rever nossas próprias relações, me incluindo neste exercício. Que a compreensão da capoeira como uma habilidade em cooperar de forma capacitada, através do exercício do fazer bem feito, possa abrir canais para pensarmos em um mundo sinuoso, circular e em movimento compartilhado.

Referências Bibliográficas

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, 2004.

_____. **Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 86-98, jan./abr, 2006.

ABREU, Frederico José de. **Bimba é Bamba: A Capoeira no Ringue**. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.

_____. **A Capoeira Baiana no século XIX**. Revista Iê Capoeira, ano I, nº07. São Paulo: On Line Editora, 2000.

DARDOT e LAVAL, Christian Laval e Pierre. **A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DARDOT e LAVAL, Christian Laval e Pierre. **Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2017

DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DECÂNIO FILHO, Ângelo. **A Herança de Pastinha**. Salvador: Coleção São Salomão, s/d.

GREINER, Christine. **O Corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **O corpo em crise: novas pistas e o curto-circuito das representações**. São Paulo: Annablume, 2010.

GREINER e KATZ, Christine e Helena. *Por uma Teoria do Corpomídia*. In: **O Corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **Corpo e Processos de Comunicação**. Revista Fronteiras: estudos midiáticos. VI.3, nº2, dezembro, 2001.

_____. **Arte e Cognição**. São Paulo: Annablume, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

HOLMGREN, David. **Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade**. Trad. Luzia Araújo. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

KATZ, Helena. **O Papel do Corpo na Transformação da Política em Biopolítica**. Dossiê Pensamento/ Linguagem, 2010.

_____. **Do homo economicus ao homo politicus: a dança na cidade de São Paulo**. Anais do V Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança. Natal: ANDA, p. 945-959, 2017.

_____. **A dança na cidade de São Paulo, em meio à produção de inexistência, de novos hábitos cognitivos e do homo oeconomicus**. Anais do IV Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança. Goiânia: ANDA, 2016. p. 771- 779.

MACHADO, Sara Abreu da Mata. **Baobá na Encruzilhada: Ancestralidade, Capoeira Angola e Permacultura**. Salvador: Tese (Doutorado) – Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

MASSUMI, Brian. **O que os Animais nos Ensinam sobre Política**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 18: maio-out/2012, p. 28-47, 2012.

PASTINHA, Mestre. **Capoeira Angola por Mestre Pastinha**. Salvador: 3ª. Ed. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

SENNETT, Richard. **Juntos – Os rituais, os prazeres e a política da cooperação**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba: Corpo de Mandinga**. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

TOMASELLO, Michael. **¿Por qué cooperamos?** Buenos Aires: Katz Editores, 2009.

ZONZON, Christine Nicole. **Nas rodas da capoeira e da vida: corpo, experiência e tradição**. Salvador: EDUFBA, 2017.

Notícias

<https://tecnologia.uol.com.br/noticias/bbc/2017/12/24/cinco-truques-para-combater-o-vicio-em-celular.htm>. Acesso em: 25 fev.2018.

<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-nao-esta-pronto-para-carro-sem-motorista,70002202669> . Acesso em: 27 mar.2018.

<http://portalcapoeira.com/capoeira/noticias-atualidades/mestre-ananias-legado-da-roda-na-praca-da-republica> . Acesso em: 17 jun.2018.

<http://portalcapoeira.com/capoeira/publicacoes-e-artigos/livro-capoeira-angola-por-mestre-pastinha> . Acesso em: 17 jun. 2017.

<https://tudosobreplantas.wordpress.com/2014/08/14/as-plantas-tem-neuronios-sao-seres-inteligentes/>. Acesso em: 27 set. 2016.

<https://www.select.art.br/o-corpo-e-os-novos-habitos-cognitivos/>. Acesso em: 22 fev. 2017.

<https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,escritor-sul-coreano-byung-chul-han-analisa-o-mundo-atual-em-livro,70001959716>. Acesso em: 20 set. 2017.

Sites e Blogs

<https://filosofia-africana.weebly.com/>

<http://mestreanancias.blogspot.com/>

<http://portalcapoeira.com>

<http://velhosmestres.com/br>

<http://venenodanoite.blogspot.com/2012/10/revista-realidade-1967-e-luta-e-danca-e.html>

<http://www.somaterapia.com.br>

<http://www.capoeira.gov.br>

<http://www.congodeouro.com.br>

<https://capoeiraocec.webnode.com.br>

http://www.capoeiramestrebimba.com.br/capoeira_regional.html

Documentários

<https://www.youtube.com/watch?v=Q5ifiGZ0nP8>

<https://www.youtube.com/watch?v=Bbqt7J7tt8M&t=1137s>

<https://www.youtube.com/watch?v=qvP42zM5axM>

https://www.youtube.com/watch?v=iwC79v6B_B4

<https://www.youtube.com/watch?v=e6Anb0x-H5w>

https://www.youtube.com/watch?v=-unP_tdBiKI&pbjreload=10

<https://vimeo.com/27511161>

https://www.youtube.com/watch?v=dBjatmLvT_g

<https://www.youtube.com/watch?v=VC3HuiXw9mU>

<https://www.youtube.com/watch?v=vcV8GQM51VI&t=101s>

<https://www.youtube.com/watch?v=EHnPkkZxcmQ&t=304s>

Revistas *on line*

<http://www.filosofiaafricanabrasil.com/edicaoatual>

<http://www.filosofiaafricanabrasil.com/single-post/2017/11/23/Capoeira-e-filosofia-no-Brasil-o-ser-%C3%A9-movimento>

<http://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/7029/5554>

<https://medium.com/revistaokoto/sobre-brancos-mesti%C3%A7os-e-afroconvenientes-43bba64bc346>